



António Manuel Portela de Sá Pereira

**A construção monástico-conventual no
Noroeste da Península Ibérica: uma
abordagem multidisciplinar da História da
Construção desde a época medieval até à
atualidade**

Volume II - Apêndices



Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sob a forma de Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/110434/2015), financiado pelo Programa Operacional Temático Fatores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

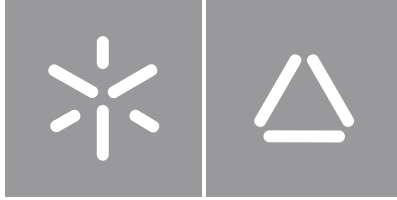
FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Cofinanciado por:
COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMPETITIVIDADE E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

António Manuel Portela de Sá Pereira

**A construção monástico-conventual no
Noroeste da Península Ibérica: uma
abordagem multidisciplinar da História da
Construção desde a época medieval até à
atualidade**

Volume II - Apêndices

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Arqueologia
Área de especialização em Arqueologia da Paisagem e do
Povoamento

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria do Carmo Franco Ribeiro

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Índice

Apêndices	6
Apêndice 1 – Fichas de leitura estratigráfica	7
Apêndice 2 – Cortes.....	65
Apêndice 3 – Alçados.....	75

Lista de tabelas

Tabela 1 – Ficha de leitura estratigráfica nº 1.....	8
Tabela 2 – Ficha de leitura estratigráfica nº 2.....	12
Tabela 3 – Ficha de leitura estratigráfica nº 3.....	14
Tabela 4 – Ficha de leitura estratigráfica nº 4.....	16
Tabela 5 – Ficha de leitura estratigráfica nº 5.....	19
Tabela 6 – Ficha de leitura estratigráfica nº 6.....	23
Tabela 7 – Ficha de leitura estratigráfica nº 7.....	26
Tabela 8 – Ficha de leitura estratigráfica nº 8.....	28
Tabela 9 – Ficha de leitura estratigráfica nº 9.....	33
Tabela 10 – Ficha de leitura estratigráfica nº 10.....	36
Tabela 11 – Ficha de leitura estratigráfica nº 11.....	39
Tabela 12 – Ficha de leitura estratigráfica nº 12.....	43
Tabela 13 – Ficha de leitura estratigráfica nº 13.....	46
Tabela 14 – Ficha de leitura estratigráfica nº 14.....	48
Tabela 15 – Ficha de leitura estratigráfica nº 15.....	53
Tabela 16 – Ficha de leitura estratigráfica nº 16.....	55
Tabela 17 – Ficha de leitura estratigráfica nº 17.....	58
Tabela 18 – Ficha de leitura estratigráfica nº 18.....	60
Tabela 19 – Ficha de leitura estratigráfica nº 19.....	62

Lista de cortes

Corte 1 - Corte oeste-este, parede norte (A-1-1) e alçado interior sul da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	66
Corte 2 - Corte norte-sul, parede este (A-1-2) e alçado interior oeste da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	67
Corte 3 - Corte oeste-este, parede norte (A-2-1) e alçado interior sul do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	68
Corte 4 - Corte este-oeste, parede sul (A-2-3) e alçado interior norte do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	69
Corte 5 - Corte este-oeste, parede sul (A-3-3) e alçado interior sul da nave da igreja. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	70
Corte 6 - Corte norte-sul, parede este (A-3-2) e alçado interior oeste da nave. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	71
Corte 7 - Planta de tetos da nave (A-3-5) e das capelas laterais (A-3-9; A-3-12; A-3-15; A-3-18; A-3-18; A-3-20; A-3-23; A-3-26; A-3-29; A-3-32; A-3-34). Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.....	72

Corte 8 - Corte norte-sul, ala norte (B-1). Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.....	73
Corte 9 - Corte nascente-poente, ala poente (B-2). Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	74

Lista de alçados

Alçado 1 – Alçado exterior norte do paramento norte (A-1-1) da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	76
Alçado 2 – Alçado exterior este do paramento (A-1-2) da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	77
Alçado 3 - Alçado exterior este dos paramentos oeste (A-2-8, A-2-2 e A-2-12) do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	78
Alçado 4 - Alçado exterior norte dos paramentos norte (A-2-7 e A-2-1) do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	79
Alçado 5 – Alçado exterior norte dos paramentos norte (A-3-1 e A-3-6) da nave. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	80
Alçado 6 – Alçado exterior sul do paramento (A-3-3) da nave. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M. .	81
Alçado 7 - Alçado exterior sul do paramento sul (B-1-11) da ala norte do claustro sul. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	82
Alçado 8 – Alçado exterior poente do paramento poente (B-2-18) da ala nascente do claustro sul. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.	83

Apêndices


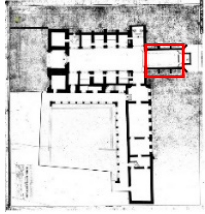
Apêndice 1 – Fichas de leitura estratigráfica

O apêndice I é composto pelo conjunto de 19 fichas de leitura estratigráfica efetuadas no complexo de Vilar de Frades e que resultam do registo, sempre que possível interior e exterior dos diferentes elementos verticais e horizontais (paredes, pavimentos e tetos) que compõem o edificado público do convento de Vilar de Frades.

Os espaços abrangidos incluem a igreja (UR A) e o claustro sul (UR B). Dentro do espaço da igreja são diferenciados os subespaços da capela-mor (UR A-1), do transepto (UR A-2) e do corpo (UR A-3). No espaço do claustro sul são abordados os edifícios da ala norte (UR B-1), da ala nascente (UR B-2) e da parede sul (UR B-3).

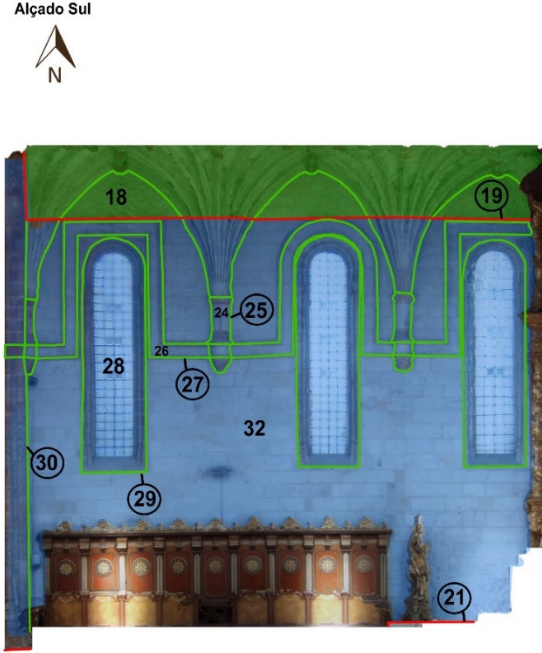
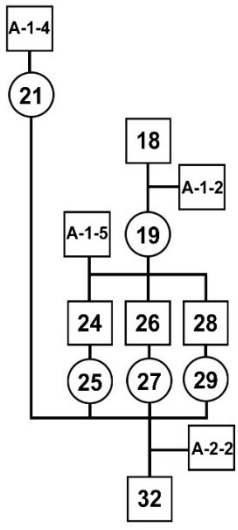
As fichas contêm a leitura diacrónica e construtiva das estruturas, na qual se procede ao enquadramento da funcionalidade dos espaços, das diferentes fases construtivas, bem como à caracterização dos elementos construtivos, das técnicas, dos materiais e dos apontamentos decorativos.

Tabela 1 – Ficha de leitura estratigráfica nº 1.

Ficha nº 1				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-15		
Unidade de referência	A-1-1	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / capela-mor	Cronologia	Séc. XX, XVII e XVI		

Alçado Sul

Alçado Sul


Legenda:

- Século XVI
- Século XX
- Interface de rutura
- Interface de ligação

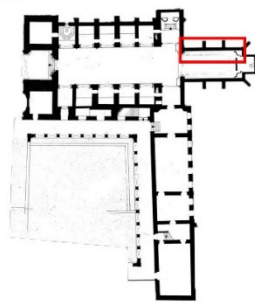
Edifício: Vilar de Frades
Capela-mor: alçado sul do paramento norte

António Pereira

Levantamento fotogramétrico do alçado sul da parede norte da capela-mor
 Ano: 2017
 Autoria: João Ribeiro



Planta do R/C
 Ano: 1973
 Autoria: DGEMN
 Fonte: SIPA



Leitura

Datado da primeira metade do século XX, o conjunto de ações mais recentes identificadas na parede lateral da capela-mor resultam da intervenção da DGEMN que visou corrigir patologias resultantes da construção do prolongamento de finais do século XVII, edificado para a colocação do retábulo-mor.

O impacto da intervenção da DGEMN nas paredes laterais resultou na construção de um tramo de parede (UE 18) caracterizado por uma alvenaria regular com silhares graníticos de média dimensão, travados em sobreposição e assentes em argamassa hidráulica.

O tramo de parede executado pela DGMEN, encontra-se a preencher um interface de rutura (UE 19) que identifica o corte efetuado na parede da capela quinhentista.

Relativamente aos elementos da capela quinhentista, primeiramente, regista-se um conjunto de três mísulas alongadas que recebem as cargas das nervuras da abóbada. As mísulas exibem na base decoração vegetalista (UE 24).

As mísulas encontram-se ligadas ao friso (UE 26) por via de um interface de ligação estrutural (UE 25).

A unidade estratigráfica número 26 identifica um friso duplo decorativo, simples, que percorre toda a parede lateral e com a qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 27). O friso tem início no ponto médio das janelas e prossegue ao longo da parede contornando as janelas pela sua parte superior alternando entre linhas retas e curvas.

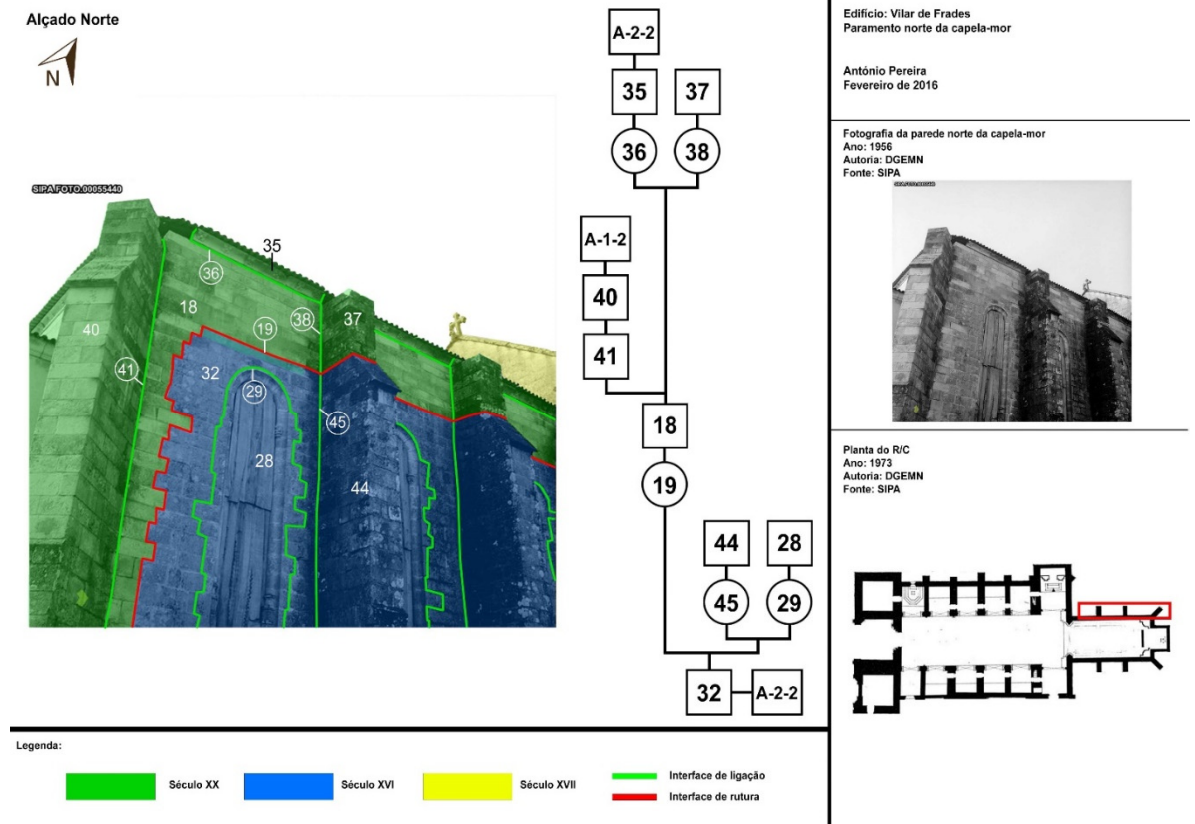
Seguem-se três janelas decoradas (UE 28) de grande dimensão, com remate superior em volta perfeita, ombreiras decoradas como pseudo colunas de base poligonal e capitel com elementos vegetalistas e peitoril em rampa.

As janelas encontram-se integradas no muro lateral através de um interface de ligação estrutural (UE 29).

Outro elemento coevo da estrutura da capela-mor do século XVI consiste no arco toral (UE 30) que liga ao transepto. Um arco de grandes dimensões, estabelece a ligação dos muros laterais da capela-mor ao muro nascente do transepto (A-2-2) por via de um interface de ligação (UE 31).

A encerrar o conjunto datado do século XVI, a parede lateral (UE 32) da capela-mor é constituída por duas faces com enchimento, evidenciando no alçado sul um aparelho de alvenaria regular, bastante cuidado, constituído por silhares em granito de média dimensão e travados em sobreposição.

Alçado norte



Leitura

O alçado norte da parede lateral regista, tal como o paramento interior, duas fases distintas. A primeira fase que resulta da intervenção da DGEMN, datada das décadas de 40 e 50 do século XX e uma segunda fase correspondente à capela do século XVI.

O elemento estruturalmente mais recente, identificado pela unidade estratigráfica número 35, é referente a um friso com decoração vegetalista que percorre toda a parte superior do paramento. Trata-se de um friso constituído por elementos graníticos com motivos em forma de “flor” que se repetem espaçadamente de forma padronizada.

À semelhança do friso, a parte superior dos contrafortes (UE 37) terá sido igualmente reconstruída pela DGEMN. Os elementos em causa parecem constituir uma remontagem efetuada com os próprios elementos dos contrafortes, diferindo apenas a utilização de argamassas de betão e outros materiais contemporâneos.

Tanto o friso como os elementos referentes à reconstituição parcial dos contrafortes, encontram-se associados à parede lateral da capela-mor por via dos respetivos interfaces de ligação estruturais identificados pelas unidades estratigráficas número 36 e 38.

No extremo poente do paramento refira-se a existência de um contraforte diagonal, identificado com a unidade estratigráfica número 40, relacionado com a consolidação da abóbada no âmbito da intervenção da DGEMN. Tecnicamente, consistem numa reprodução dos contrafortes laterais, exibindo um aparelho regular, com silhares em granito, argamassados e em travamento por sobreposição.

O contraforte diagonal encontra-se ligado à parede lateral capela, com a qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 41).

Os elementos anteriormente referidos encontram-se associados a um tramo de muro contemporâneo (UE 18), construído no remate nascente, mas que se estende para a parte superior das janelas. Possui como características o aparelho regular, silhares de média dimensão, em granito, argamassados e travados em sobreposição.

O referido muro encontra-se a preencher um interface de rutura (UE 19), também identificado no alçado sul, que percorre toda a parede e estabelece a separação entre a reconstrução contemporânea e a estrutura original.


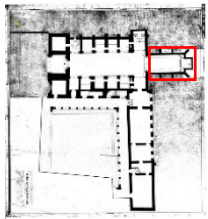
Assim, do edifício do século XVI, conservam-se ainda elementos como um conjunto de três contrafortes com chanfros (UE 44), executados com silhares regulares (litologia pética, média dimensão), projetados para o exterior a diferentes espessuras.

Os contrafortes encontram-se estruturalmente ligados ao muro lateral através de um interface de ligação estrutural (UE 45).

Na sequência, registam-se as janelas de volta perfeita (UE 28). As janelas exibem para o exterior o mesmo tipo de decoração, ainda que mais simplista, com as ombreiras a imitar pseudo colunas com bases poligonais e capitéis vegetalistas. As janelas encontravam-se inseridas na parede, com a qual estabelecem um interface estrutural (UE 29).



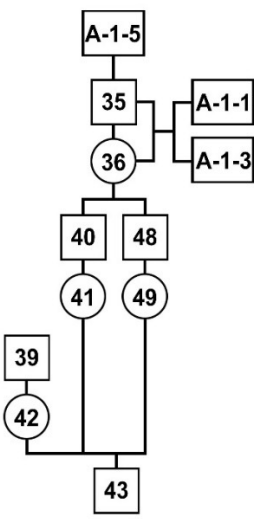
O último elemento refere-se ao muro lateral da capela, identificado pela unidade estratigráfica número 32. É constituído por um aparelho em alvenaria regular com silhares de média dimensão (litologia granítica), argamassado e dispostos em travamento de sobreposição.

Tabela 2 – Ficha de leitura estratigráfica nº 2.

Ficha nº 2				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-16		
Unidade de referência	A-1-2	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / capela-mor	Cronologia	Séc. XX		

Alçado Este

Alçado Este


Legenda:

Século XX
 Interface de ligação

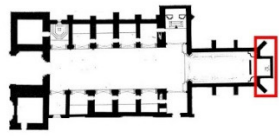
Edifício: Vilar de Frades
Paramento Sul da capela-mor da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2016

fachada este da capela-mor



Planta do R/C
Ano: 1993
Autoria: DCEMN
Fonte: SIPA



Leitura

A da cabeceira da capela-mor da igreja de Vilar de Frades resulta na sua totalidade da reformulação empreendida pela DGEMN nas décadas de 40 e 50 do século XX.

Todavia, devido à presença do retábulo-mor barroco no interior da capela-mor, apenas é possível proceder à leitura do alçado exterior, voltado a nascente.

A cabeceira, a partir da parede fundeira da capela, engloba ainda um subespaço sob a forma de prolongamento, de datação contemporânea, que tem por funcionalidade permitir o acesso à tribuna do altar-mor.

A unidade estratigráfica mais recente refere-se ao friso em granito decorado com motivos florais, localizado no topo da parede em articulação com o telhado (UE 35).

O friso estabelece um interface de ligação estrutural (UE 36) com dois contrafortes diagonais (UE's 40 e 48), como já referido (Ficha de unidade estratigráfica nº1), constituído por elementos graníticos de média dimensão, espessura variável, chanfros, aparelho regular com silhares em granito de média dimensão, argamassados e travados em sobreposição.


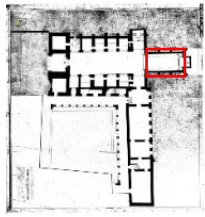
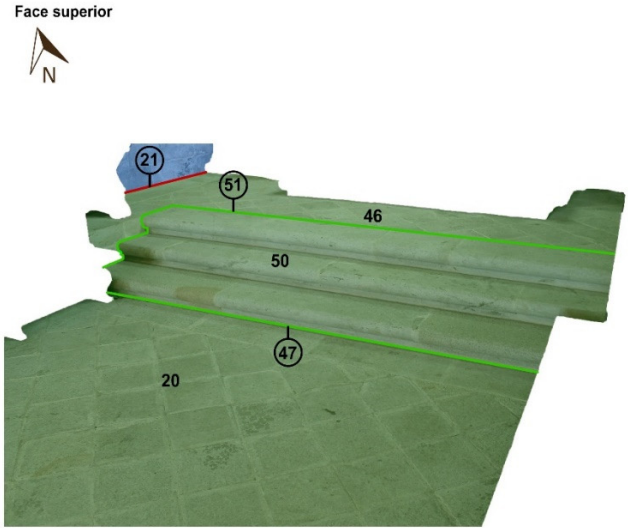
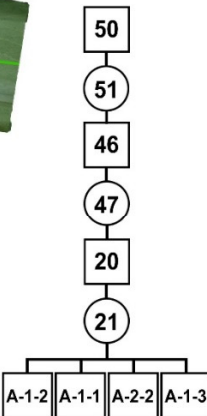

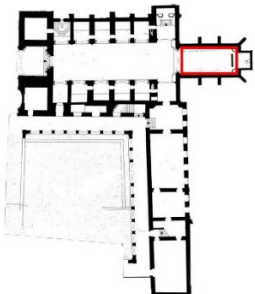

Os contrafortes diagonais encontram-se depois ligados, via dois interfaces de ligação estrutural (UE's 41 e 49), com a parede fundeira (UE 43).

No entanto, na leitura decrescente, situa-se o subespaço identificado pela unidade estratigráfica número 39, estando ligado também à parede fundeira por um interface de ligação estrutural (UE 42).

A parede fundeira (UE 43) foi edificada em perpianho, com recurso a uma alvenaria regular e silhares graníticos de média dimensão com sobreposição em travamento.

Em todos os elementos regista-se a utilização de argamassas hidráulicas e outros materiais contemporâneos.

Tabela 3 – Ficha de leitura estratigráfica n° 3.

Ficha n° 3				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-16		
Unidade de referência	A-1-4	Tipologia	Pavimento		
Edifício / espaço	Igreja / capela-mor	Cronologia	Séc. XX		
Pavimento					
<p>Face superior</p>  				<p>Edifício: Vilar de Frades Piso da capela-mor da igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2016</p> <hr/> <p>Fotografia do piso da capela-mor</p>  <hr/> <p>Planta do RIC Ano: 1933 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 	
<p>Legenda:</p> 					
Leitura					
<p>O atual pavimento da capela-mor da igreja corresponde a uma estrutura de reconstrução contemporânea, fruto de uma intervenção de conservação levada a cabo nos primeiros anos do século XXI. Esta intervenção, motivada pela existência de patologias relacionadas com as condições de humidade, consistiu no levantamento integral da estrutura, provável introdução de elementos de isolamento e reconstrução com argamassas contemporâneas.</p>					

Todavia, do ponto de vista da leitura da estrutura, é possível observar a existência de duas zonas distintas. Na parte nascente, desenvolve-se uma plataforma superior, que surge possivelmente da intervenção da DGEMN datada dos anos 40 do século XX, com o intuito de elevar o altar e o retábulo-mor, bem como uma parte inferior onde funciona um pequeno coro.

Relativamente à parte superior, foi identificado, primeiramente, um conjunto de três degraus (UE 50), constituídos por piso e espelho liso e bocel boleado, assentes na plataforma com que forma um interface de ligação estrutural (UE 51).


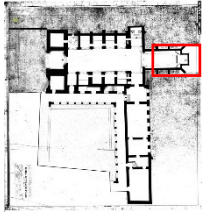
A plataforma superior apresenta na lateral um conjunto de silhares graníticos de média dimensão em jeito de remate e, na superfície superior, lajes quadrangulares também em granito dispostas na diagonal.

Esta disposição dos elementos repete-se pela parte inferior do pavimento.

Pela articulação observável entre as partes do pavimento, a plataforma superior deveria formar um interface de ligação estrutural (UE 47) com o pavimento inferior da capela-mor (UE 20).


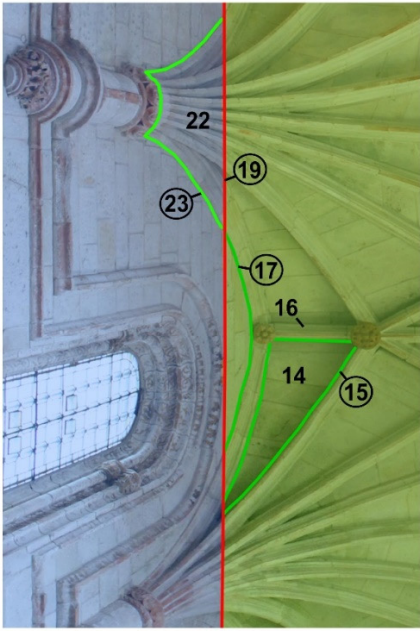
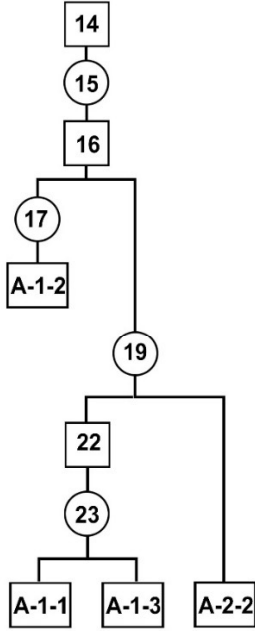
Em relação às paredes laterais, o piso (UE 20) encontrava-se a preencher um interface de rotura (UE 21), provocado pelas alterações ao pavimento em meados do século XX.

Tabela 4 – Ficha de leitura estratigráfica nº 4.

Ficha nº 4				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-17		
Unidade de referência	A-1-5	Tipologia	Teto e telhado		
Edifício / espaço	Igreja / capela-mor	Cronologia	Séc. XX e XVI		

Teto

teto

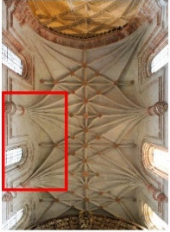
Legenda:

Século XVI	Século XX	Interface de rutura
		Interface de ligação

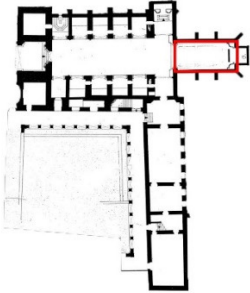
Edifício: Vilar de Frades
Teto da capela-mor da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2017

Fotografia da parede sul da capela-mor
Ano: 1940/50
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Planta do R/C
Ano: 1933
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O teto da capela-mor constitui o elemento mais distintivo e complexo da fase quinhentista da igreja.

No entanto, o conjunto atual resulta de uma reconstrução conduzida pela DGEMN, datada das décadas de 40 e 50 do século XX. A empreitada de reconstrução consistiu no apeamento e remontagem da abóbada na sua forma original e com os elementos originais.

A estrutura conservada permite registar a ordem estrutural da abóbada. Primeiramente, assinala-se o conjunto de painéis que compõem a abóbada (UE 14). Estes painéis, de litologia granítica, apresentam uma forma tendencialmente retangular, espessura fina e dimensão variada. Possuem

uma disposição quase modular no preenchimento dos espaços entre nervuras do sistema de cobertura.

Os painéis encontram-se assentes no sistema de nervuras (UE 16), formando com este um interface de ligação estrutural (UE 15).

O sistema de nervuras prismáticas, igualmente constituído por elementos de granítico, é composto por um conjunto complexo de arcos terciarões, ligaduras, arcos formeiros, arcos torais, bem como pedras de fecho principais e secundárias decoradas com motivos florais e heráldicos.

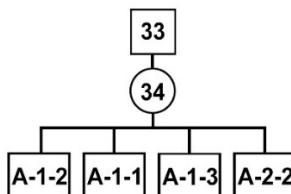
O sistema de nervuras, através dos arcos formeiros estabelece um interface de ligação estrutural (UE 17) com a parede lateral da capela-mor (UR A-1-2).

Fruto da intervenção da DGEMM, observa-se, tal como ocorre nas paredes laterais da capela-mor, a passagem de um interface de rotura (UE 19) que separa os pontos de arranque do sistema de nervuras. Identificado pela unidade estratigráfica número 22, o arranque consiste num modulo em granito do sistema de nervuras para onde convergem as nervuras.

O arranque encontra-se ligado por via de um interface de ligação estrutural (UE 23) à mísula situada na parede lateral da capela-mor (UR A-1-1).

Telhado

Alçado Sul



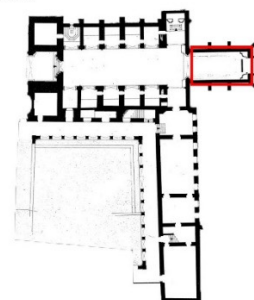
Edifício: Vilar de Frades
Paramento Sul da capela-mor da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2016

Fotografia aérea da capela-mor
Ano: 2017
Autoria: João Ribeiro



Planta do R/C
Ano: 1933
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Legenda:



Século XX


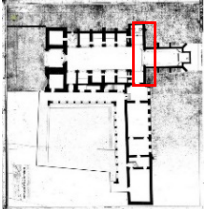


Interface de ligação

Leitura

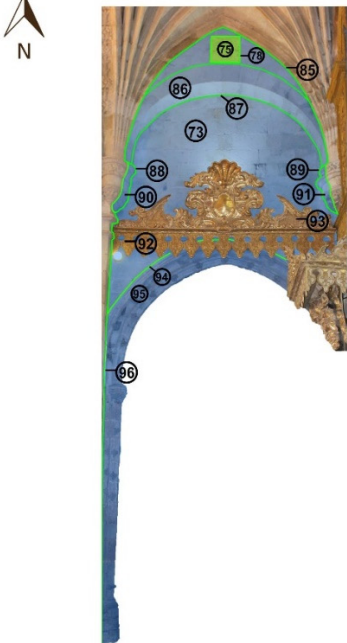
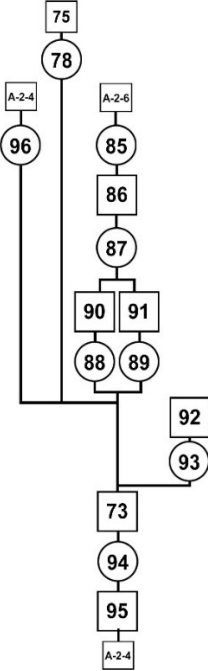
A parte exterior da capela-mor é composta por um telhado contemporâneo de três águas, executado com recurso a telha de meia cana e aba e assente num interface de ligação estrutural (UE 34) que estabelece ligação com as paredes da capela-mor (A-1-1, A-1-2 e A-1-3).

Tabela 5 – Ficha de leitura estratigráfica nº 5.

Ficha nº 5				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-1	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XVI		

Alçado Sul

Alçado sul


Legenda:

- Século XVI
- Século XX
- Interface de ligação
- Interface de rutura

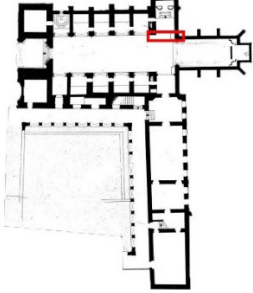
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede norte do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado sul da parede norte do transepto revela a existência de duas fases construtivas, referentes a uma ação localizada de entaipamento, decorrida no século XX, bem como à edificação do transepto da igreja no século XVI.

Da ação decorrida em época contemporânea, provavelmente durante uma das intervenções da DGEMN, regista-se um entaipamento (UE 75) de uma janela situada na parte superior da parede. O entaipamento apresenta uma constituição com pequenos fragmentos de pedra e argamassa, estando associado à janela por via do interface de ligação identificado pela unidade estratigráfica número 78.

A segunda fase identificada reporta-se à construção da parede norte do cruzeiro.

Dentro desta fase, o elemento construtivo mais recente deve corresponder à articulação estrutural da parede norte com o muro poente do cruzeiro, representada pela unidade estratigráfica de ligação estrutural número 96.

Encetando a descrição descendente do alçado sul da parede norte, no topo da estrutura é possível observar-se a existência de um interface de ligação estrutural (UE 85) formado pelo assentamento da abóbada (UR A-2-6).

No seguimento, surge um arco portante (UE 86), provavelmente de escarção, para conduzir a carga da parte superior da parede norte do cruzeiro para as paredes poente e nascente.

O arco de escarção, por sua vez, encontra-se apoiado em duas mísulas (UEs 90 e 91) com as quais estabelece o interface de ligação estrutural identificado pela unidade estratigráfica número 87.

As mísulas seguem uma fórmula semelhante à da das mísulas das paredes laterais da capela-mor, ainda que menos prolongadas do que estas, provavelmente devido à menor necessidade de capacidade portante. Todavia, formam elementos de suporte incrustados na parede, em granito e com decoração vegetalista semelhante à dos elementos da capela-mor.

Cada uma das mísulas encontra-se integrada na parede norte do cruzeiro (UE 73) através dos interfaces de ligação estrutural identificados pelas unidades estratigráficas números 88 e 89.

No registo intermédio, verifica-se a existência de um friso duplo (UE 92) assente na parede com a qual forma um interface de ligação estrutural (UE 93).

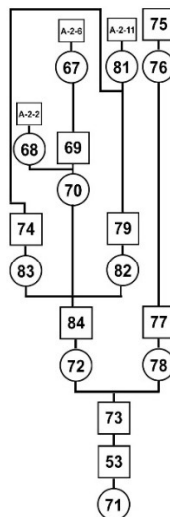
A parede norte (UE 73) apresenta uma diminuição de espessura a partir do arco de escarção (UE 86) e possui um paramento interior com aparelho regular constituído por silhares de média dimensão, litologia granítica, argamassados e sobreposição em travamento.

O interface de ligação estrutural identificado pela unidade estratigráfica número 94, designa o local de assentamento da parede norte (UE 73) no arco de acesso à capela norte do transepto.

O arco (UE 95) possui forma quebrada, ombreiras adornadas ao nível dos pseudo capitéis com uma temática vegetalista e bases em formas geométricas.

Alçado norte

Alçado norte



Legenda:



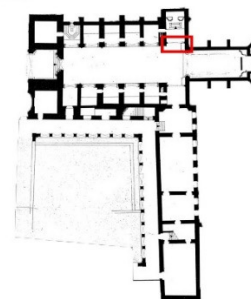
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede norte do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado sul da parede norte apresenta uma estratificação construtiva mais complexa do que o alçado sul, sendo possível identificar três fases de ações construtivas, respetivamente datadas dos séculos XX, XVII e XVI.

A fase mais recente reporta-se ao mesmo tipo de ação, mas em locais distintos. Assumindo a ordem descendente da leitura, a primeira reporta-se a um interface de rotura (UE 67) que resulta da colocação do telhado contemporâneo no muro do cruzeiro quinhentista.

De forma semelhante, regista-se um interface de rotura (UE 81) fruto da reconstrução do telhado da capela norte do transepto (UR A-2-11; UE 80), que interceta com os contrafortes da parede norte do cruzeiro.

Também de cronologia contemporânea, provavelmente relacionada com uma das intervenções da DGEMN, ocorrida no século XX, segue-se o entaipamento de uma pequena fresta lateral com fragmentos de pedra e argamassa (UE 75). Este entaipamento estabelece um interface de ligação (UE 76) com a fresta, esta provavelmente com cronologia quinhentista (UE 77).

Um segundo momento de alterações construtivas deverá estar relacionado com a fase de reformulação do corpo da igreja, ocorrida no século XVII. As alterações ocorrem no remate efetuado ao nível do telhado e consistem numa fiada de silhares de litologia granítica, retangulares, dispostos em aparelho regular e argamassados (UE 69).

Este troço de parede encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 70) efetuado na parede do cruzeiro quinhentista.

Da fase correspondente à edificação do cruzeiro, datada do século XVI, em sentido descendente surge um contraforte (UE 84), perpendicular à parede do transepto, na parte superior. Um contraforte de pouca espessura e rematado superiormente por um chanfro. A sua constituição inclui um aparelho regular constituído por silhares pétreos de litologia granítica, argamassa e sobreposição em travamento.

A estruturas encontra-se ligada, por via de um interface estrutural (UE 72) com um reforço diagonal da parede (UE 79).

Estas espessuras diagonais (UEs 79 e 74), possivelmente relacionadas com a abóbada do cruzeiro, materializam um tipo de contraforte de aparelho regular constituído por silhares em granito, argamassados e sobrepostos em travamento.


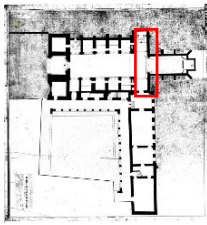
Estas estruturas, encontram-se estruturalmente ligadas, por via dos interfaces estruturais identificados pelas unidades estratigráficas número 82 e 83, à parede norte do cruzeiro (UE 73).

Desta fase, destaca-se ainda uma abertura que consiste numa pequena fresta quadrangular, em rampa e executada nos próprios silhares da parede norte do cruzeiro.

O último elemento construtivo deste paramento reporta-se à parede norte do cruzeiro (UE 73), cuja execução do paramento evidencia um aparelho regular constituído por silhares de média dimensão, litologia granítica, argamassa e sobreposição de travamento.

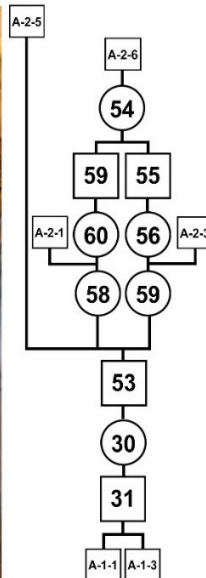
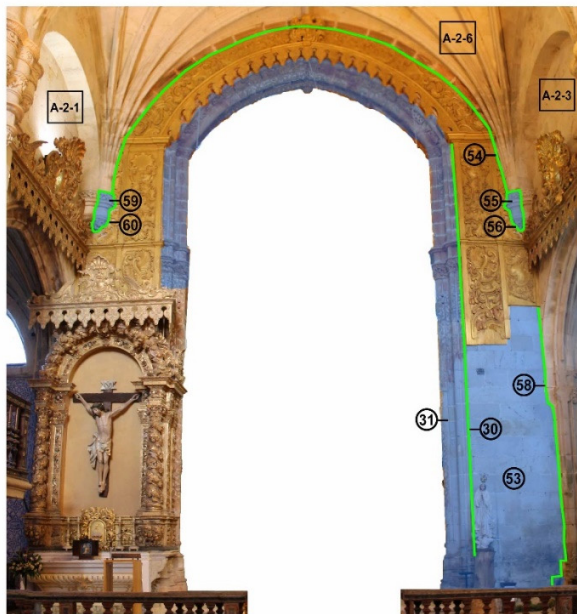
A parede (UE 73) encontra-se estruturalmente ligada à parede nascente do cruzeiro (A-2-2), com a qual forma um interface de ligação estrutural (71).

Tabela 6 – Ficha de leitura estratigráfica nº 6.

Ficha nº 6				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-2	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XX, XVII e XVI		

Alçado oeste

Alçado poente



Legenda:



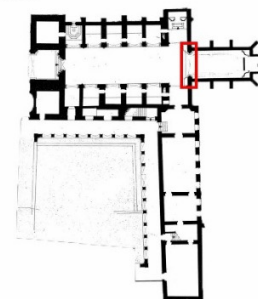
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede poente do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado poente da parede nascente da zona do cruzeiro aparenta resultar de uma única fase construtiva, possivelmente parte da empreitada de construção da igreja quinhentista.

No sentido descendente dos elementos construtivos, a primeira unidade estratigráfica corresponde a um interface de ligação estrutural (UE 54) estabelecido entre as nervuras da abóbada do cruzeiro (UR A-2-6) e as misulas que apoiam na parede.

Localizadas nos extremos norte e sul do paramento, as mísulas, respetivamente identificadas pelas unidades estratigráficas número 59 e 55, são constituídas por elementos graníticos, decoração vegetalista e fisionomia semelhante às mísulas da capela-mor, ainda que menos prolongadas.

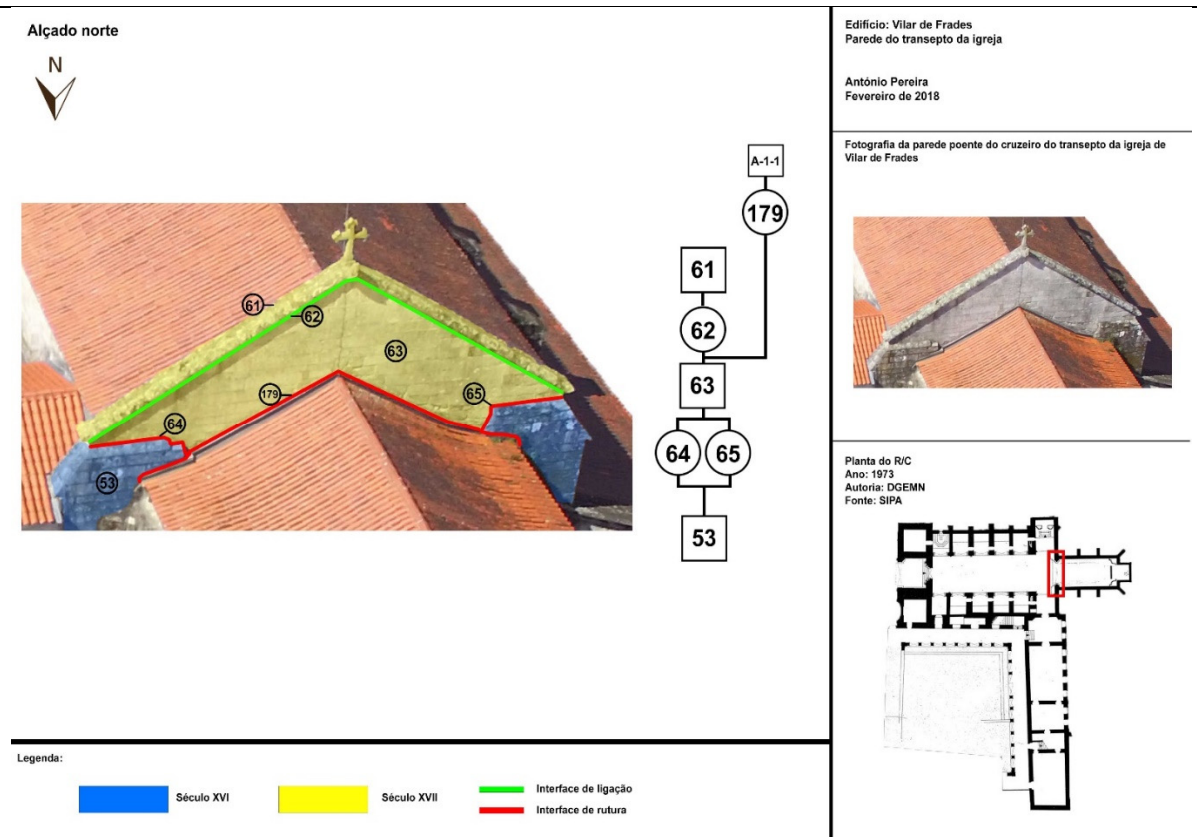
As mísulas encontram-se integradas na parede poente do transepto com a qual estabelecem interfaces de ligação estrutural (UE's 60 e 56).

Em articulação com a parede poente do transepto (UE 53), na delimitação sul do cruzeiro, estabelece-se um novo interface de ligação estrutural, desta vez com a parte inferior da parede norte do braço sul do transepto (UR A-2-3), identificado pela unidade estratigráfica número 58.

Relativamente à parede nascente do cruzeiro (UE 53), a face exhibe um aparelho regular constituído por silhares graníticos de média dimensão, sobrepostos em travamento e com juntas argamassadas.

Esta parede estabelece ainda um interface de ligação estrutural (UE 30) com o arco do vão de acesso à capela-mor. Este arco (UE 31) possui forma apontada, decoração profusa com motivos vegetalistas nos capitéis e bases em forma geométrica.

Alçado este



Leitura

O alçado nascente permite aferir a existência de três momentos construtivos na parte superior do edifício. O momento mais recente deverá corresponder a modificações contemporâneas na capela-mor. A segunda fase, deverá estar relacionada com a reconstrução do corpo da igreja do século XVII e o último conjunto de ações à construção do transepto primitivo do século XVI.

Neste sentido, a ação mais recente, muito residual, deverá reportar-se ao interface de rotura que vem da parede poente da zona do cruzeiro (UE 179), relacionado com a substituição contemporânea do telhado da capela-mor.

Da segunda fase identificada, atribuível ao século XVII, regista-se o remate superior da parede nascente do cruzeiro (UE 61), que consiste numa capa de muro, encimada por uma cruz, executada com elementos graníticos de média dimensão.


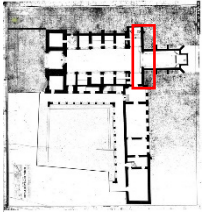
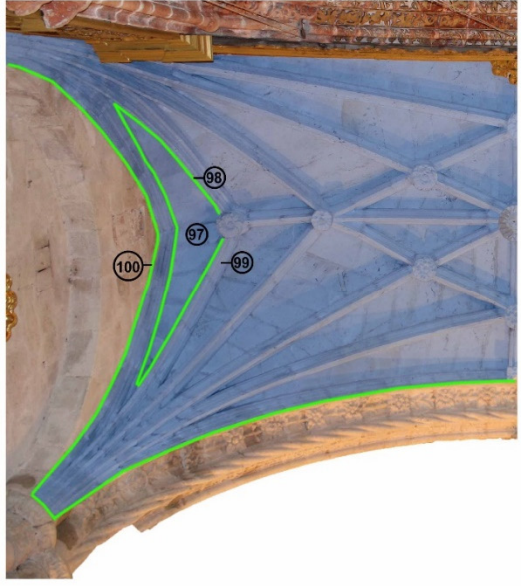

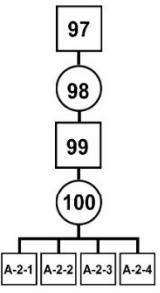



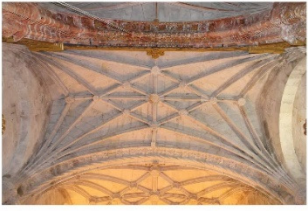
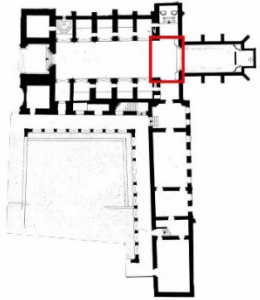
A capa encontra-se apoiada na parte superior da parede do cruzeiro, com a qual forma um interface de ligação estrutural (UE 62).

O paramento identificado pela unidade estratigráfica número 63 reporta-se à zona do gablete, provavelmente edificado no século XVII no decurso da reforma do corpo da igreja. É constituído por um tramo de parede de aparelho regular com silhares graníticos de média dimensão, travados em sobreposição e argamassados.

O muro do gablete encontra-se a preencher a rotura efetuada ao nível da parede seiscentista, identificada por interfaces de rotura (UE's 64 e 65), respetivamente visíveis na parte sul e norte do cruzeiro.

A parte inferior deste paramento (UE 53) reporta-se à parede quinhentista do cruzeiro, da qual ainda é possível observar o remate superior cortado em forma de rampa, possivelmente uma reminiscência do gablete primitivo. O paramento apresenta um aparelho regular constituído por silhares graníticos de média dimensão, litologia granítica, travados em sobreposição e argamassados.

Tabela 7 – Ficha de leitura estratigráfica nº 7.

Ficha nº 7				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-6	Tipologia	Teto e telhado		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XX e XVI		
Teto					
<p>Alçado norte</p>  <p>  N </p> <p>  </p> <p> Legenda:  Século XVI  Interface de ligação  Interface de rutura </p>				<p>Edifício: Vilar de Frades Parede do transepto da igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <p>Fotografia da parede poente do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades</p>  <p>Planta do RIC Ano: 1973 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 	
Leitura					
<p>A parte superior da zona do cruzeiro revela apenas uma fase construtiva atribuível à empreitada de construção da igreja do século XVI.</p> <p>O teto do espaço do cruzeiro é constituído por uma abóbada de liernes semelhante, quer na forma, quer no processo construtivo, à abóbada da capela-mor.</p> <p>Regredindo no processo construtivo, a unidade estratigráfica mais recente reporta-se aos painéis da abóbada (UE 97). Tal como observado na abóbada da capela-mor, os painéis consistem em blocos</p>					

de litologia granítica quase retangulares, de espessura fina e dimensão variada. A sua disposição é modular no preenchimento dos espaços entre nervuras.

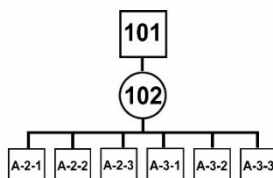
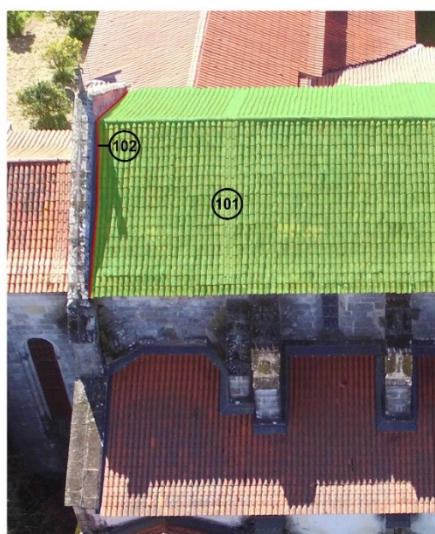
O sistema de painéis forma com o sistema de nervuras um interface de ligação estrutural (UE 98).

O sistema de nervuras (UE 99) é composto por um conjunto de elementos prismáticos em granito que formam arcos terciários, ligaduras e arcos formeiros. No centro dos arcos localizam-se as pedras de fecho, principais e secundárias, decoradas com motivos florais e um “sol” de face antrópica no centro.

O sistema de nervura encontra-se apoiado nas mísulas situadas paredes do cruzeiro e com as quais estabelece um interface de ligação estrutural (UE 100).

Telhado

Alçado norte



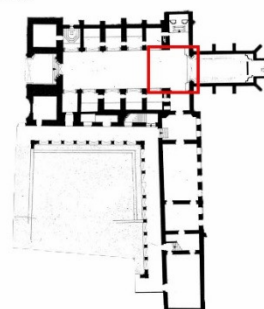
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede poente do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGE MN
Fonte: SIPA



Legenda:



Século XX



Interface de ligação




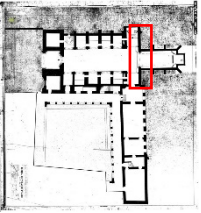
Interface de rutura

Leitura

A parte exterior da zona central do transepto partilha o telhado com o corpo da igreja e apenas revela uma fase construtiva contemporânea.

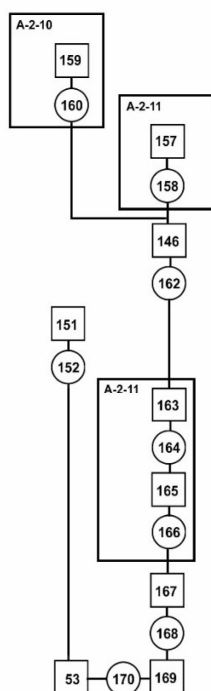
Um telhado de duas águas (UE 101) revestido a telha de meia cana e aba, que se encontra a preencher um interface de rutura (UE 102) ao nível do corpo da igreja (UR A-2).

Tabela 8 – Ficha de leitura estratigráfica nº 8.

Ficha nº 8				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-8	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XVIII e XVI		

Alçado oeste

Alçado norte



Legenda:



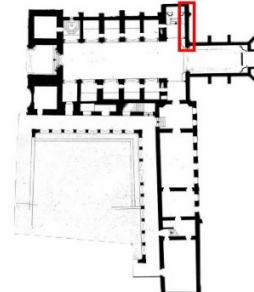
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede poente do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado Oeste da capela norte do transepto apresenta três fases construtivas que se podem dividir cronologicamente entre as intervenções contemporâneas de reabilitação, a construção do prolongamento da capela norte, do século XVIII e a construção do transepto, do século XVI.

As intervenções contemporâneas registam-se no pavimento da capela (UE 159). Apesar da sua edificação estar provavelmente associada à construção do prolongamento do século XVIII, pelo facto de possuir uma plataforma mais elevada e uma organização mais regular do que o pavimento da congénere capela sul, a estrutura atual deverá resultar de uma reconstrução de reabilitação.

A face do pavimento exhibe um lajeado em granito constituído por elementos de média/grande dimensão, com argamassas contemporâneas nas juntas.

O pavimento encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 160), efetuado ao nível das paredes laterais do prolongamento (UE 146).

Quanto à construção do prolongamento setecentista, relacionado com a colocação de um retábulo neoclássico, a unidade estratigráfica mais recente corresponde à cobertura do prolongamento (UE 157). Esta consiste numa abóbada rebocada, executada em tijolo e assente na parede lateral nascente (UE 146), com a qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 158).

A parede lateral (UE 146) apresenta-se igualmente rebocada. À semelhança das restantes paredes do prolongamento, deverá ter sido executada num aparelho irregular com silhares de variada dimensão, com algumas secções de silhares mais regulares, possivelmente sob a forma de reaproveitamento.

A parede encontra-se a preencher um interface de rotura, identificado pela unidade estratigráfica número 162, que anulou o extremo norte do transepto quinhentista.

Na sequência do interface de rotura (UE 162), quanto à estrutura da capela norte quinhentista, a estrutura evidencia na parte superior uma janela (UE 151), em semicírculo, de perfil superior quebrado e executada com pequenos elementos dispostos na horizontal a formar uma moldura côncava.

A janela encontra-se a formar um interface de ligação estrutural (UE 152) com a abóbada da capela.

A abóbada da capela (UR A-2-11) exhibe um perfil abatido e aponta para uma construção semelhante à das abóbadas do cruzeiro e da capela-mor. Apresenta um sistema de painéis constituído por lajes finas em graníticos dispostos de forma modular (UE 163), que se encontram a preencher os espaços formados pelo sistema de nervuras.

Os painéis formam um interface de ligação estrutural (UE 164) com o sistema de nervuras (UE 165), que consiste numa “teia” de nervuras primárias e secundárias, todas executadas com elementos em granito.

As nervuras encontram-se assentes em mísulas, que apenas se conservam no quadrante sul, com a qual formam um interface de ligação estrutural (UE 166). Uma das mísulas conservadas (UE 167), exhibe uma decoração zoomórfica e forma um interface de ligação estrutural (UE 168) com um colunelo que demarca a entrada da capela a partir do espaço do cruzeiro (UE 169).

Por fim, em situação de equivalência, a parede nascente do transepto (UE 53), atualmente revestida na face interior por azulejo industrial contemporâneo, encontra-se articulada ao colunelo (UE 169) através de um interface de ligação (UE 170).

O colunelo (UE 169), parcialmente ocultado pelo retábulo colateral do cruzeiro, encontra-se desbastado devido à instalação do retábulo setecentista.

Alçado este

Alçado norte

Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede poente do cruzeiro do transepto da igreja de Vilar de Frades

Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA

Legenda:

- Século XVI
- Século XVIII
- Século XX
- Interface de ligação
- Interface de rutura

Leitura

O alçado nascente do braço norte do transepto permite confirmar a leitura efetuada no alçado oeste.

Neste alçado, é possível diferenciar três fases construtivas referentes à substituição do telhado do prolongamento, do século XX, à construção do prolongamento da capela norte do transepto, do século XVIII e à edificação do transepto quinhentista, do século XVI.

Neste sentido, a intervenção contemporânea identificada neste alçado reporta-se a um interface de rutura (UE 142) relativo à colocação de um telhado, revestido com telha de meia cana, no prolongamento do século XVIII.

No seguimento, sobre a construção do prolongamento do século XVIII, regista-se no remate superior do paramento um friso com decoração vegetalista em forma de “flores” (UE 143). A presença deste

friso, semelhante aos frisos datados do século XVI, denuncia uma intenção de integração arquitetónica do prolongamento setecentista na fachada do século XVI.

O friso (UE 143) encontra-se na ligação entre a cobertura e a parede do prolongamento, estabelecendo com esta última um interface de ligação estrutural (UE 144).

Na sequência, para a iluminação do espaço interior do prolongamento, segue-se uma fresta formada pelo seu próprio interface de ligação estrutural (UE 145) com a parede nascente do prolongamento.

O último elemento a destacar na empreitada setecentista consiste na parede nascente do prolongamento (UE 146), cujo paramento, ao contrário do observado alçado interior, se encontra sem reboco exibindo um aparelho regular constituído por silhares de média dimensão, sobrepostos em travamento, de litologia granítica e com juntas argamassadas.

Sobra a estrutura referente à empreitada do século XVI, o primeiro elemento construtivo a registar reporta-se ao friso superior decorado com motivos vegetalistas em forma de “flor” (UE 147).

O friso (UE 147) encontra-se ligado, por via de um interface de ligação estrutural (148), a uma espessura diagonal (UE 149) destinada a robustecer o ponto de articulação da parede lateral da capela-mor com a parede nascente do transepto. Trata-se de um reforço situado apenas na metade superior da parede, com duas espessuras diferentes, cortado na base e executado com o recurso a silhares regulares de média dimensão, de litologia granítica, sobrepostos em travamento e com juntas argamassadas.

Este contraforte estabelece um interface de ligação estrutural (UE 150) com a parede nascente do transepto.

Avançando na leitura descendente, regista-se uma janela (UE 151), com forma semicircular em arco quebrado e executada com elementos graníticos de pequena dimensão. A janela encontra-se integrada na parede nascente com a qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 152).

No extremo norte da parede situa-se um contraforte diagonal (UE 153), cortado na parte superior, executado com silhares de média dimensão, sobrepostos em travamento, aparelhados de forma regular, com juntas argamassadas e um embasamento a repetir o alicerce da parede.

Este contraforte forma um interface de ligação estrutural (UE 154) com a parede nascente do braço norte do transepto.

Identificada pela unidade stratigráfica número 53, a parede nascente apresenta no alçado voltado a este um aparelho regular formado por silhares de média dimensão, sobrepostos em travamento, litologia granítica e juntas argamassadas.

A parede (UE 53) encontra-se assente num alicerce com o qual estabelece o interface de ligação estrutural (UE 155).

O alicerce (UE 156), visível acima do subsolo, possui as arestas cortadas (chanfro) na parte superior e uma constituição semelhante à da parede, ainda que com maior espessura. É constituído por silhares graníticos de média dimensão, com grande espessura, argamassados e nem sempre apresentando uma sobreposição em travamento.

Tabela 9 – Ficha de leitura estratigráfica nº 9.

Ficha nº 9				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-9	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XVIII-XVII e XVI		
Interior 1					
<p>Interior 1</p>   				<p>Edifício: Vilar de Frades Parede do transepto da igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <hr/> <p>Fotografia do interior da parede poente do braço norte do transepto da igreja de Vilar de Frades</p> 	
<p>Legenda:</p> 				<p>Planta do R/C Ano: 1973 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 	
Leitura					
<p>O corredor de acesso às capelas laterais situado na parede poente do braço norte do transepto revela apenas uma fase construtiva, possivelmente datada do século XVI, relativa à empreitadas de construção do transepto.</p> <p>Apesar da provável datação coetânea dos paramentos identificados neste corredor, estratigraficamente regista-se a existência de um primeiro paramento (UE 171), de aparelho bastante regular executado com silhares de média dimensão, litologia granítica, sobreposição em travamento e juntas argamassadas.</p>					

Tendo em consideração a interrupção construtiva documentada neste ponto do edifício e as características da parede, possivelmente tratar-se-á da parede do corpo da igreja construído no século XVI.

Todavia, a leitura deste ponto revela que a parede anteriormente identificada (UE 171) possui uma segunda parede adossada (UE 173) de características semelhantes.

Estabelecendo um interface de ligação (UE 172) com a primeira parede, o paramento desta segunda parede (UE 173) apresenta as mesmas características construtivas, nomeadamente o tipo de aparelho regular constituído por silhares de média dimensão, litologia granítica, sobreposição em travamento e juntas argamassadas.

Interior 2

<p>Interior 2</p>  <p>Legenda:</p> <table border="0"> <tr> <td> Século XVI</td> <td> Século XVII-XVIII</td> <td> Interface de rutura</td> </tr> </table>	 Século XVI	 Século XVII-XVIII	 Interface de rutura	<p>Edifício: Vilar de Frades Parede do transepto da igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <p>Fotografia do interior da parede poente do braço norte do transepto da igreja de Vilar de Frades</p>  <p>Planta do R/C Ano: 1973 Autoria: DCEMN Fonte: SIPA</p> 
 Século XVI	 Século XVII-XVIII	 Interface de rutura		


Leitura

O segundo ponto analisado situa-se no corredor de acesso ao púlpito norte da igreja. Neste local, registam-se duas fases distintas estando a mais recente, datada dos séculos XVII-XVIII, possivelmente relacionada com a instalação do púlpito e a mais antiga provavelmente relacionada com a construção do transepto, no século XVI.

Apesar da perturbação à leitura provocada pela presença de cimento hidráulico, existe um primeiro paramento (UE 174) constituído por uma alvenaria irregular com elementos em granito de pequena e média dimensão e argamassados, que deverão estar relacionados com a moldura do vão de acesso ao púlpito, provavelmente executado entre os séculos XVII e XVIII.

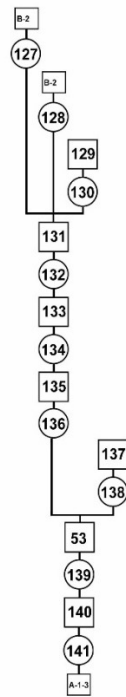
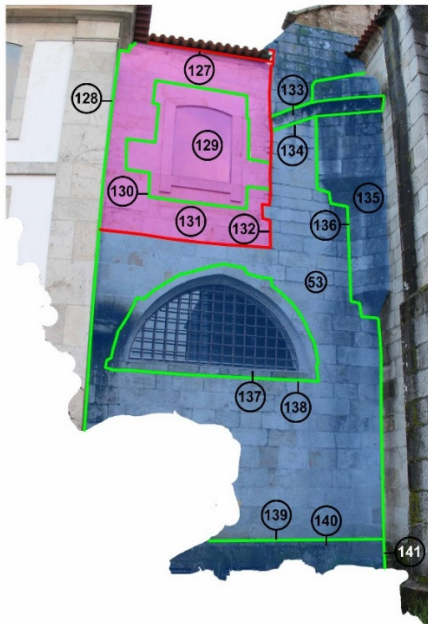
O paramento de aparelho menos regular encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 175), executado num segundo paramento (UE 171) que provavelmente configura parte da parede do transepto do século XVI.

Tabela 10 – Ficha de leitura estratigráfica nº 10.

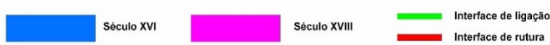
Ficha nº 10				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-12	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XVIII e XVI		

Alçado este

Alçado norte



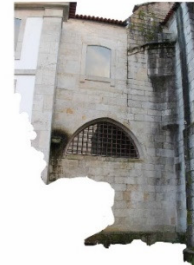
Legenda:



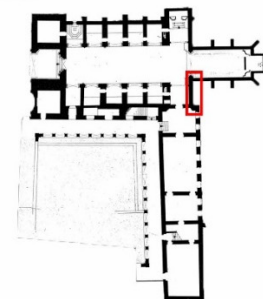
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede nascente do braço sul do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DCEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado este revela a existência de três fases construtivas distintas. A primeira fase engloba um conjunto de ações localizadas, datáveis do século XX. A segunda fase inclui parte da construção da ala nascente do claustro sul, datada dos finais do século XVIII e a terceira fase corresponde à edificação do transepto, dos inícios do século XVI.

O conjunto de ações mais recentes resume-se a um interface de rutura (UE 127) que resulta da colocação do telhado contemporâneo na parte da ala do claustro do século XVIII.

Da segunda fase, a primeira ação a registar corresponde a um interface de ligação estrutural (UE 128) que promove a articulação entre a parte do claustro que se sobrepõe ao transepto e o restante edifício da ala nascente do claustro (UE 131).

No seguimento, regista-se uma janela de ombreiras alongadas e lintel arqueado (UE 129). A moldura da janela é executada com elementos pétreos de litologia granítica e encontra-se inserida num tramo de parede (UE 131), formando com este um interface de ligação estrutural identificado pela unidade estratigráfica número 130.

Segue-se o paramento identificado pela unidade estratigráfica número 131. Este paramento apresenta um aparelho relativamente regular, ligeiramente assimétrico, formado por silhares de litologia granítica, média/grande dimensão e juntas argamassadas.

O tramo encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 132) ocorrido na parte superior do braço sul do transepto do século XVI.

Quanto aos elementos atribuíveis à terceira fase, referente ao transepto do século XVI, regista-se primeiramente um friso que remata a parte superior da parede (UE 133). Trata-se de um friso com decoração vegetalista padronizada.

Este friso encontra-se ligado ao contraforte de articulação da parede nascente do braço sul do transepto por via de um interface de ligação estrutural (UE 134).

O contraforte (UE 135), por sua vez, desenvolve-se apenas ao nível do piso superior, provavelmente com o intuito de providenciar um reforço para a abóbada da capela-mor. Tecnicamente, consiste num reforço do ângulo formado pela parede lateral da capela-mor e pela parede nascente do transepto. Possui dois tramos em ressalto, cortados na parte inferior e exibindo um aparelho regular constituído por silhares graníticos de média dimensão, em sobreposição de travamento e argamassados.

O contraforte encontra-se assente no paramento nascente do transepto por via de um interface de ligação estrutural (UE 136).

No piso inferior do transepto, regista-se a existência de uma janela em semicírculo com a parte superior em arco quebrado (UE 137). A janela é executada com elementos graníticos de pequena dimensão colocados na horizontal.

Encontra-se assente na parede nascente do transepto, com a qual forma um interface de ligação estrutural identificado pela unidade estratigráfica número 138.


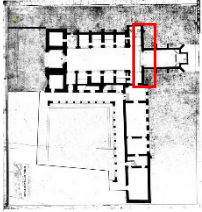
Na sequência da janela, segue-se a parede nascente do transepto (UE 53), já descrita.

Esta parede encontra-se apoiada num alicerce com o qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 139).

O alicerce (UE 140) possui uma espessura ligeiramente maior do que a parede (UE 53), é provavelmente construído em perpianho e evidencia um aparelho regular com silhares de média dimensão e litologia granítica.

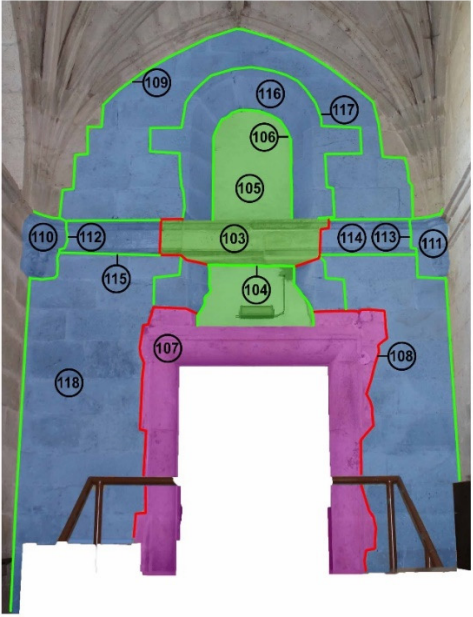
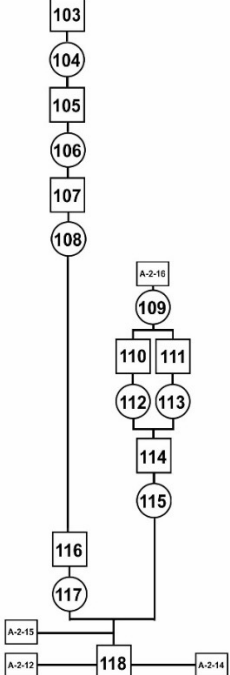
O alicerce encontra-se relacionado com a parede sul da capela-mor (UR A-1-3) por via de um interface de ligação estrutural (UE 141).

Tabela 11 – Ficha de leitura estratigráfica nº 11.

Ficha nº 11				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-13	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XX, XVIII e XVI		

Alçado norte

Alçado norte


Legenda:

Século XVI	Século XVIII	Século XX	Interface de ligação
			Interface de rutura

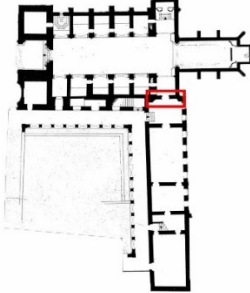
Edifício: Vilar de Frades
Parede do transepto da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede sul do braço sul do transepto da igreja de Vilar de Frades



Planta do RIC
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado norte contempla um conjunto de ações construtivas enquadráveis em três fases datáveis dos séculos XX, XVIII e XVI.

No conjunto das ações mais recentes, regista-se um tramo de friso (UE 103) que visou estabelecer a continuidade do friso duplo quinhentista no local da janela.

O tramo de friso em questão encontra-se associado ao entaipamento da janela através de um interface de ligação (UE 104).

Ainda no conjunto das ações do século XX, o entaipamento (UE 105) da janela (UE 116) consiste numa parede de tijolo, rebocada e a preencher o interface de ligação identificado pela unidade estratigráfica número 106.

A segunda fase registada corresponde à abertura de uma porta (UE 107), no século XVIII, com a função de permitir uma ligação direta à antecâmara da sacristia. A porta possui formato quadrangular, ombreiras e lintel boleados constituídos por vários elementos de litologia granítica e em forma de moldura.

A porta encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 108) resultante do corte efetuado na parede sul da capela.

Dos elementos atribuíveis ao século XVI, a leitura descendente evidencia primeiro a existência de duas mísulas na sequência do interface de ligação estrutural já referido (UE 109). Comuns aos paramentos nascente e poente da capela (respetivamente URs A-2-12 e A-2-14), servem de suporte ao sistema de nervuras da abóbada (A-2-16). As mísulas, identificadas pelas unidades estratigráficas número 110 e número 111, materializam dois elementos em granito decorados na parte inferior com um motivo zoomorfo (nascente) e uma face antropomórfica (poente).

As mísulas encontram-se associadas ao friso duplo através de dois interfaces de ligação estrutural (UEs 112 e 113).

O friso duplo (UE 114), como já referido, percorre a parede e liga às duas mísulas.

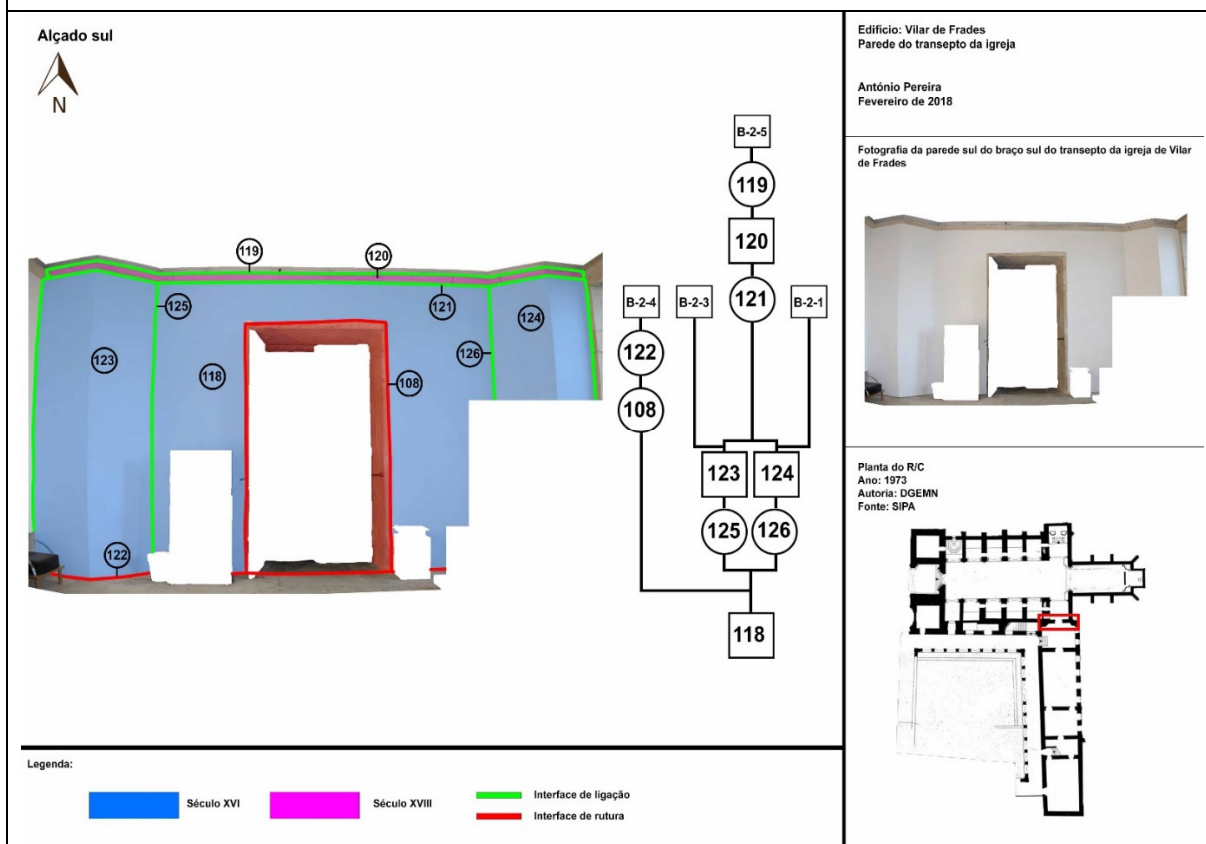
Este friso encontra-se incrustado na parede sul, com a qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 115).

Na sequência construtiva, regista-se uma janela (UE 116). Um elementos de grandes dimensões com remate superior em arco perfeito e com rampa para o interior para potenciar a iluminação.

A janela encontra-se integrada no paramento sul por via de um interface de ligação estrutural (UE 117).

Na base da sequência construtiva, o alçado norte da parede exhibe um aparelho bastante regular constituído por silhares graníticos de média dimensão sobrepostos em travamento e argamassados.

Alçado sul



Leitura

O alçado sul integra atualmente a reforma e expansão do claustro sul operada nos finais do século XVIII.

Apesar de integralmente rebocado, a leitura do alçado sul da parede permite ainda assim identificar elementos construtivos de três fases distintas. A fase mais recente corresponde naturalmente à reforma do claustro, datada de finais do século XVIII, uma segunda fase corresponde à abertura da porta e a fase mais antiga refere-se à construção do transepto, ocorrida no século XVI.

Neste sentido, da fase mais recente regista-se um interface de ligação estrutural (UE 119), situado entre a gola do teto e um friso simples (UE 120), efetuado em granito, localizado na parte superior do alçado sul da parede sul do transepto (UR A-2-13).

O friso encontra-se, depois, assente na parede sul da capela sul do transepto (UE 118) através do interface de ligação estrutural (UE 121).

Provavelmente da mesma empreitada, regista-se igualmente um interface de rotura (UE 122) preenchido pelo pavimento existente (UR B-2).

Da segunda fase, atribuível ao século XVIII, resulta apenas um interface de rotura efetuado na parede para a abertura da porta de acesso à sacristia (UE 108).

Quanto aos elementos atribuíveis à empreitada do século XVI, sob o reboco do alçado, conservam-se nos extremos poente e nascente dois possíveis contrafortes diagonais (UEs 123 e 124).

Estes contrafortes deverão estar integrados na parede sul por via de dois interfaces de ligação estrutural (UE 125 e 126).


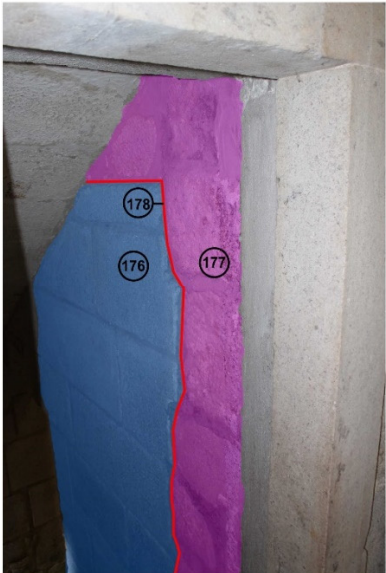








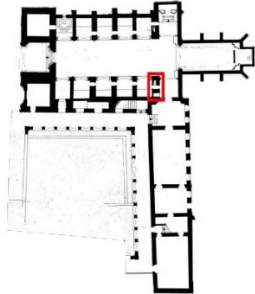



Segue-se, na base, a parede sul da capela (UE 118), cujo paramento se encontra rebocado na totalidade.

Tabela 12 – Ficha de leitura estratigráfica nº 12.

Ficha nº 12				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-2-14	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / transepto	Cronologia	Séc. XVIII-XVII e XVI		
Interior 1					
 <div style="text-align: center;">  </div>				<p>Edifício: Vilar de Frades Parede do transepto da igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <hr/> <p>Fotografia di interior da parede poente do braço sul do transepto da igreja de Vilar de Frades</p> 	
<p>Legenda:</p> 				<p>Planta do R/C Ano: 1973 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 	
Leitura					
<p>O corredor de acesso às capelas laterais sul da igreja evidencia uma homogeneidade construtiva que aponta apenas para a fase de construção do transepto do século XVI.</p> <p>O paramento atesta a presença de uma única parede, o que revela uma estratificação diferente da observada na capela norte do transepto (UR A-2-9).</p> <p>O paramento (UE 176) exhibe um aparelho regular, pseudo-isódomo, variando os silhares visivelmente no tamanho.</p>					

Os silhares apresentam média/grande dimensão e encontram-se dispostos em travamento por sobreposição e argamassados, num talhe comum aos restantes paramentos das estruturas do século XVI.

Interior 2

<p>Interior 2</p>   	<p>Edifício: Vilar de Frades Parede do transepto da igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <p>Fotografia di interior da parede poente do braço sul do transepto da igreja de Vilar de Frades</p> 			
<p>Legenda:</p> <table border="0"><tr><td> Século XVI</td><td> Século XVII-XVIII</td><td> Interface de rutura</td></tr></table>	 Século XVI	 Século XVII-XVIII	 Interface de rutura	<p>Planta do R/C Ano: 1973 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 
 Século XVI	 Século XVII-XVIII	 Interface de rutura		

Leitura


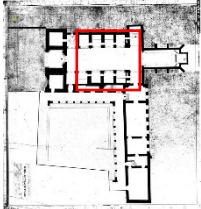
O segundo ponto analisado situa-se no corredor de acesso ao púlpito, onde a estratificação construtiva evidencia um cenário semelhante ao observado na banda norte do transepto.

O primeiro paramento registado (UE 177), ainda que muito residual, evidencia um aparelho executado com silhares de média dimensão irregulares, talhe mais rude do que a silharia do século XVI, argamassados e litologia granítica. Este paramento deverá corresponder à execução da moldura do vão do púlpito, executado entre os séculos XVII e XVIII.

O paramento encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 178) efetuado ao nível do paramento provavelmente datado do século XVI.


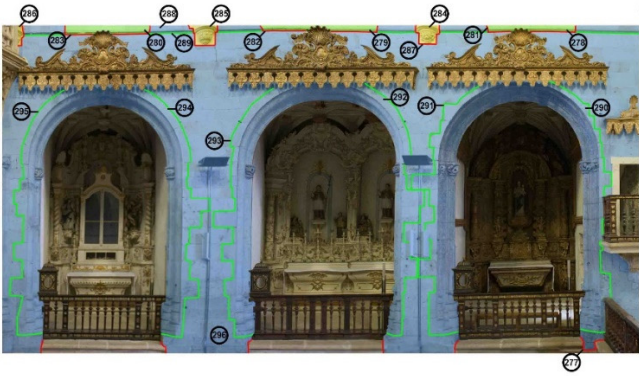
O elemento mais antigo identificado em alçado corresponde à parede do transepto construído no século XVI (UE 176). O paramento apresenta um aparelho regular constituído por silhares graníticos de média/grande dimensão, sobrepostos em travamento e com juntas argamassadas.

Tabela 13 – Ficha de leitura estratigráfica n° 13.

Ficha n° 13				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-3-1	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / corpo	Cronologia	Séc. XX, XVII e XVI		

Alçado sul (inferior)

Alçado sul


Legenda:

	Século XVI		Século XVII		Século XX		Interface de ligação
							Interface de rutura

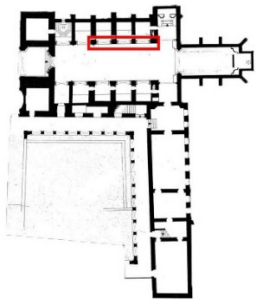
Edifício: Vilar de Frades
Corpo da Igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da parede norte da nave do corpo da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado sul da parede norte da nave da igreja revela uma estratificação semelhante à do alçado sul do mesmo espaço.

Neste sentido, é constituído por três fases construtivas distintas, que se podem enquadrar nas intervenções contemporâneas de reabilitação, a reformulação do século XVII e a construção primitiva do corpo do século XVI.

Referente às ações mais recentes, regista-se um interface de rutura (UE 277) existente ao nível dos pavimentos das capelas laterais, resultado da remoção e remontagem do pavimento no âmbito das últimas ações de reabilitação ocorridas em Vilar de Frades.

Na parte superior do paramento, registam-se três tramos de paramento (UEs 278 a 280) que correspondem à eliminação e entaipamento das janelas colocadas no século XVIII. Uma ação que resulta das intervenções da DGEMN de meados do Século XX.

Os tramos de paramento encontram-se a preencher os respetivos interfaces de rutura (UEs 281 a 283).

A segunda fase engloba um conjunto de ações que se reportam ao momento de construção da abóbada seiscentista da nave da igreja. Ao nível do paramento norte regista-se, tal como na parede contrárias, um conjunto de mísulas (UEs 284 a 286) de formato alongado e decoração vegetalista na parte inferior.

Tratando-se a abóbada de uma adição à estrutura preexistente, as mísulas acima descritas encontram-se a preencher um interface de rutura (UEs 287), efetuado no paramento quinhentista da nave.

Na estrutura primitiva regista-se, pela ordem descendente, o friso duplo (UE 288) que se encontra colocado na parede norte da nave e com a qual forma um interface de ligação estrutural (UE 289).


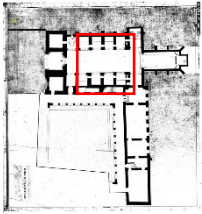

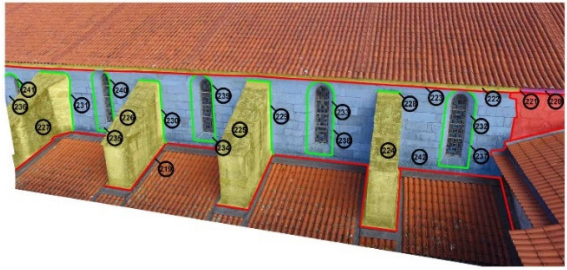
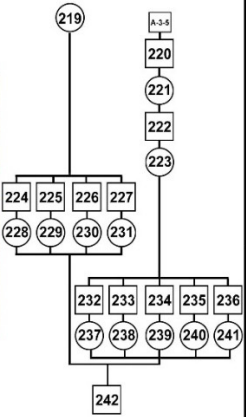

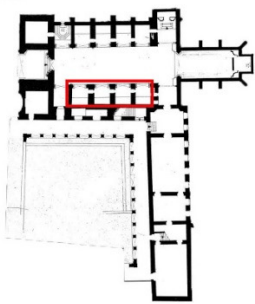

Na parte inferior da parede surge um conjunto de três aberturas (UEs 290 a 294) que permite o acesso às capelas laterais a partir da nave. Esta aberturas caracterizam-se por possuírem remate superior em arco perfeito, capitéis decorados - com uma diversidade de motivos que variavam entre as figuras antropomórficas, zoomórficas e representações vegetalistas -, fustes lisos e bases geométricas.

Estas aberturas encontram-se estruturalmente ligadas à parede norte da nave, com a qual estabeleciam um interface de ligação estrutural (UEs 291 a 295).

O paramento voltado a sul (UE 296) exhibe um aparelho regular formado por silhares de média dimensão, sobrepostos em travamento e argamassados entre si.

A abertura da quarta capela lateral, situada mais a poente, encontra-se ocultada pela estrutura do órgão, não sendo incluída na leitura.

Tabela 14 – Ficha de leitura estratigráfica n° 14.

Ficha n° 14				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-3-3	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / corpo	Cronologia	Séc. XX, XVIII, XVII e XVI		
Alçado sul					
<p>Alçado sul</p>   				<p>Edifício: Vilar de Frades Corpo da Igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <p>Fotografia da parede sul da nave central da igreja de Vilar de Frades</p>  <p>Planta do R/C Ano: 1973 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 	
<p>Legenda:</p> 					
Leitura					
<p>O alçado sul apresenta uma estratigrafia complexa que engloba uma fase construtiva contemporânea, relacionada com a reabilitação do edifício, uma fase correspondente à reforma do século XVIII do claustro sul, uma fase relativa à reforma do corpo da igreja ocorrida no século XVII e ainda uma fase que resulta da construção do corpo quinhentista.</p>					

No âmbito das ações recentes, regista-se um interface de rutura (UE 218) situado no topo da parede, relativo à colocação do telhado (UR B-3) e à eliminação de parte da estrutura da reforma seiscentista.

Ao nível da face do paramento, desenvolve-se um interface de rutura (UE 219) decorrente da substituição do telhado das capelas laterais do corpo da igreja.

Limitado ao quadrante nascente da parte superior da parede, segue-se um segundo conjunto de ações, atribuíveis aos finais do século XVIII, que integra um friso liso (UE 220) em granito, que visa dar continuidade ao remate superior da parede no espaço onde se situavam os contrafortes.

O friso encontra-se a preencher um interface de rutura (UE 221), resultante da reforma do claustro sul dos finais do século XVIII, que culminou na eliminação dos contrafortes do corpo e do transepto situados mais a nascente.

Passando para as ações atribuíveis ao século XVII, decorrentes da reformulação do corpo, segue-se o friso superior da parede da nave (UE 222). Um friso constituído por elementos graníticos e decorado com motivos vegetalistas em forma de flor dispostos em banda.

O friso encontra-se assente no muro da nave com o qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 223).

A mesma empreitada deverá incluir os contrafortes exteriores (UEs 224 a 227). Trata-se de um conjunto de quatro contrafortes construídos no seguimento das paredes laterais das capelas da igreja. Tal como os contrafortes conservados na parede norte do corpo da igreja, deverão estar adossados ao paramento.

Os contrafortes apresentam-se cortados na parte superior e são constituídos por silhares regulares, em granito e argamassados.

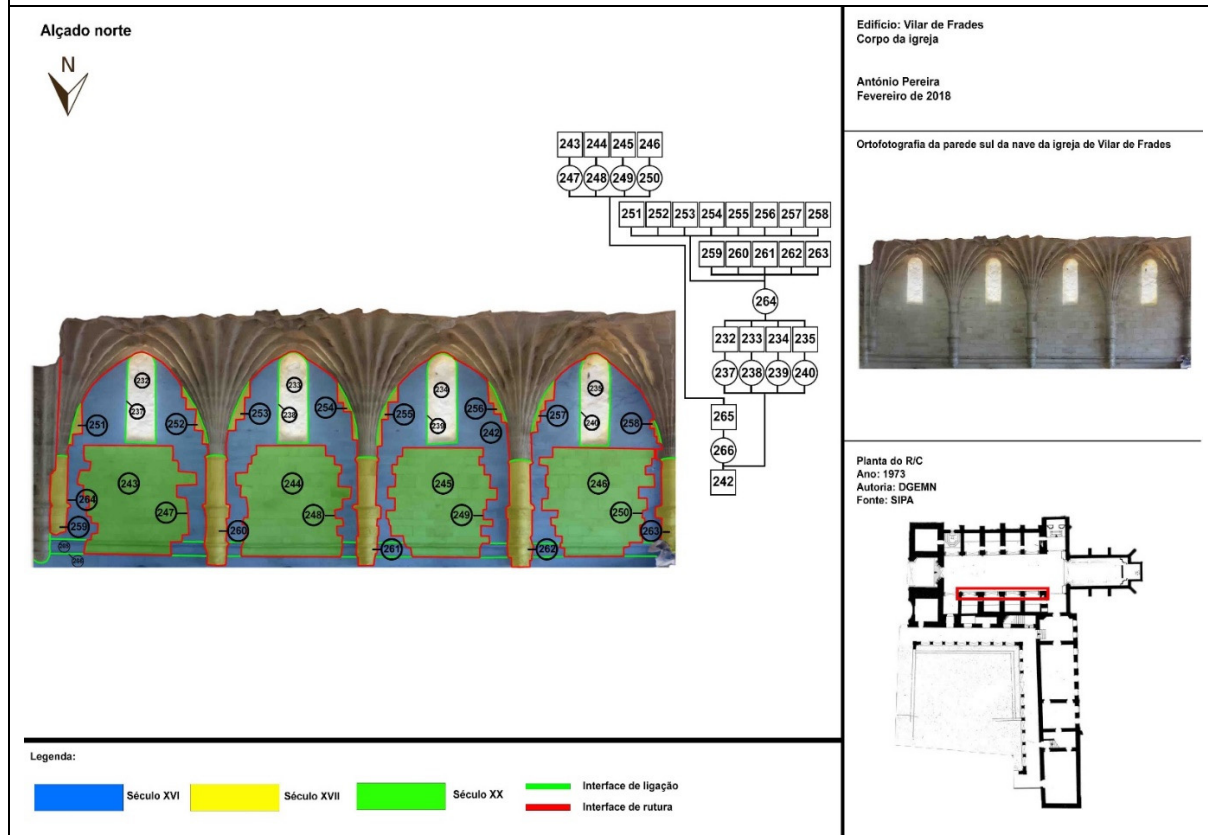
O último conjunto de elementos construtivos devem reportar-se à estrutura primitiva do corpo da igreja.

Neste âmbito, regista-se um conjunto de janelas (UEs 232 a 236) caracterizadas por simples aberturas efetuadas na parede, executadas em rampa para o exterior e com remate superior em volta perfeita.

As janelas encontram-se estruturalmente ligadas à parede sul da nave, com a qual estabelecem um interface de ligação estrutural, respetivamente identificado pelas unidades estratigráficas números 237 a 241.

A encerrar o conjunto, a parede sul da nave (UE 242) apresenta um paramento de aparelho regular, constituído por silhares graníticos de média dimensão, dispostos em travamento e argamassados.

Alçado norte (superior)



Leitura

O alçado norte apresenta alguns elementos comuns ao alçado sul, mas apenas três fases construtivas que vão desde ações contemporâneas, ações do século XVII e do século XVI.

No conjunto das ações mais recentes, de cariz contemporâneo, registam-se os entaipamentos (UEs 243 a 246) de cinco janelas, provavelmente abertas no século XVIII, que foram removidas durante as intervenções da DGEMN em meados do século XX. Os entaipamentos consistem em vários tramos de paramento que exibem um aparelho regular executado com silhares graníticos de média dimensão, dispostos em sobreposição de travamento e argamassados, de forma a integrar o mesmo tipo de aparelho da parede sul da nave.

Um segundo momento, provavelmente relacionado com a reforma operada no século XVII no corpo da igreja, corresponde à construção da abóbada da nave.

Na parte superior do paramento, a acompanhar o sistema de nervuras, observa-se a existência de alguns tramos (UEs 251 a 258) afetos à construção do sistema de nervuras da abóbada. Estes

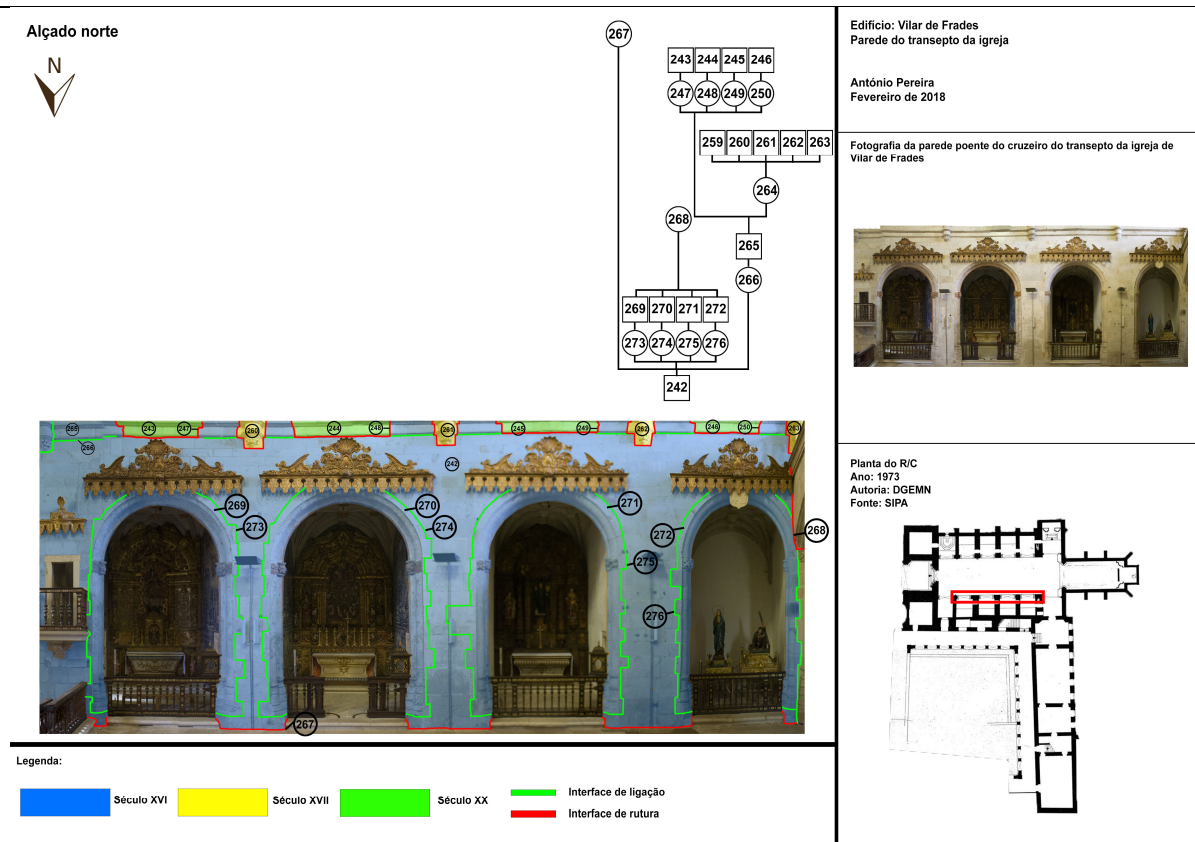
elementos são constituídos por silhares que fazem a ligação entre o sistema de nervuras e o paramento preexistente.

Ainda pertencente ao mesmo sistema, seguem-se as mísulas (UEs 259 a 263) de suporte da abóbada da nave. Ao contrário do tipo de mísulas identificadas nas abóbadas da capela-mor e do transepto, os suportes da abóbada da nave apresentam-se bastante mais alongados. Possuem uma parte inferior decorada – ao mesmo gosto das mísulas do século XVI – com motivos vegetalistas na base e geométricos no seguimento, bem como uma parte superior sem qualquer tipo de ornamentação.

A fechar o conjunto das ações do século XVII, as mísulas encontram-se a preencher um interface de rutura (UE 264) efetuado ao longo de todo o paramento.

Quanto às ações da estrutura primitiva, datáveis do século XVI, destaca-se a presença de um friso duplo sem decoração (UE 265), ligado por um interface de ligação estrutural (UE 266) ao paramento sul da nave (UE 242).

Alçado norte (inferior)



Leitura

A secção inferior do paramento sul, após o friso duplo, permite três períodos de intervenção construtiva que incluem ações contemporâneas, ações do século XVII e ainda elementos do século XVI.

O elemento mais recente, situado na parte inferior, corresponde a um interface de rutura (UE 267) contemporâneo originado pela reconstrução do pavimento, na sequência dos trabalhos de reabilitação do edifício da igreja.


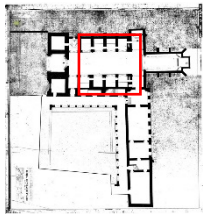

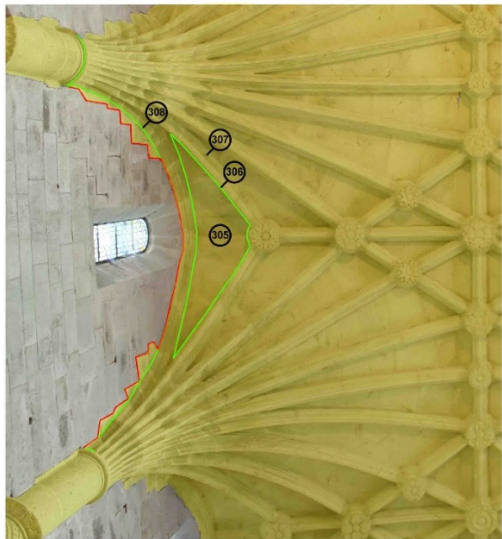

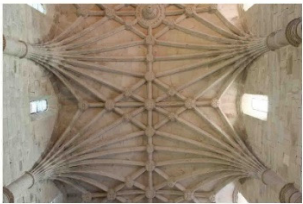
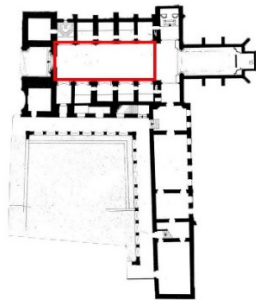
Ao segundo momento construtivo registado, provavelmente datável do século XVII, deverão corresponder outro interface de rutura (UE 268) decorrente da reforma do coro alto. Mais precisamente, da rutura provocada no paramento sul da nave para a construção do arco que suportava o coro.

O terceiro grupo de ações registadas deverá corresponder à empreitada de construção do corpo da igreja do século XVI.

Neste sentido, registam-se quatro aberturas em arco (UEs 269 a 272), correspondentes às aberturas das capelas laterais. Os arcos possuem volta perfeita que conduzem para capiteis decorados com motivos vegetalistas, fustes lisos e bases geométricas.

As aberturas das capelas apresentam-se integradas no paramento sul da nave (UE 243), com o qual estabelecem interfaces de ligação estrutural (UEs 273 a 276).

Tabela 15 – Ficha de leitura estratigráfica n.º 15.

Ficha n.º 15				Identificação	Localização						
Leitura estratigráfica											
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18								
Unidade de referência	A-3-5	Tipologia	Teto								
Edifício / espaço	Igreja / corpo	Cronologia	Séc. XVII								
Teto											
<p>Teto</p>    <p>Legenda:</p> <table border="0"> <tr> <td> Século XVI</td> <td> Século XVII</td> <td> Interface de ligação</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td> Interface de rutura</td> </tr> </table>				 Século XVI	 Século XVII	 Interface de ligação			 Interface de rutura	<p>Edifício: Vilar de Frades Corpo da Igreja</p> <p>António Pereira Fevereiro de 2018</p> <hr/> <p>Fotografia da abóbada da nave do corpo da igreja de Vilar de Frades</p>  <hr/> <p>Planta do R/C Ano: 1973 Autoria: DGEMN Fonte: SIPA</p> 	
 Século XVI	 Século XVII	 Interface de ligação									
		 Interface de rutura									
Leitura											
<p>O teto da nave central do corpo da igreja resulta da intervenção de reforma do corpo do século XVII.</p> <p>Esta intervenção teve como resultado a edificação de uma abóbada nervurada ao gosto das abóbadas góticas do mesmo tipo, provavelmente inspirada na abóbada da capela-mor.</p> <p>Neste sentido, apesar de se tratar de uma estrutura de cronologia única, a sua construção deverá ter ocorrido de forma semelhante à construção da abóbada da capela-mor.</p>											


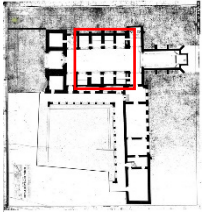
Empreendendo numa leitura regressiva do processo construtivo, destaca-se, em primeiro lugar, o sistema de painéis da abóbada (UE 305). Um sistema constituído por painéis modulares em granito que se encontram apoiados no sistema de nervuras por via de um interface de ligação estrutural (UE 306).

Após o sistema de painéis, segue-se o sistema de nervuras (UE 307) constituído por uma “teia” de nervuras formada por arcos terciarões, ligaduras e arcos formeiros. Quanto à sua constituição, as nervuras são constituídas por elementos graníticos dispostos em encaixe.

As pedras de fecho, tanto principais como secundárias, exibem uma decoração com motivos vegetalistas em forma de “flor”.

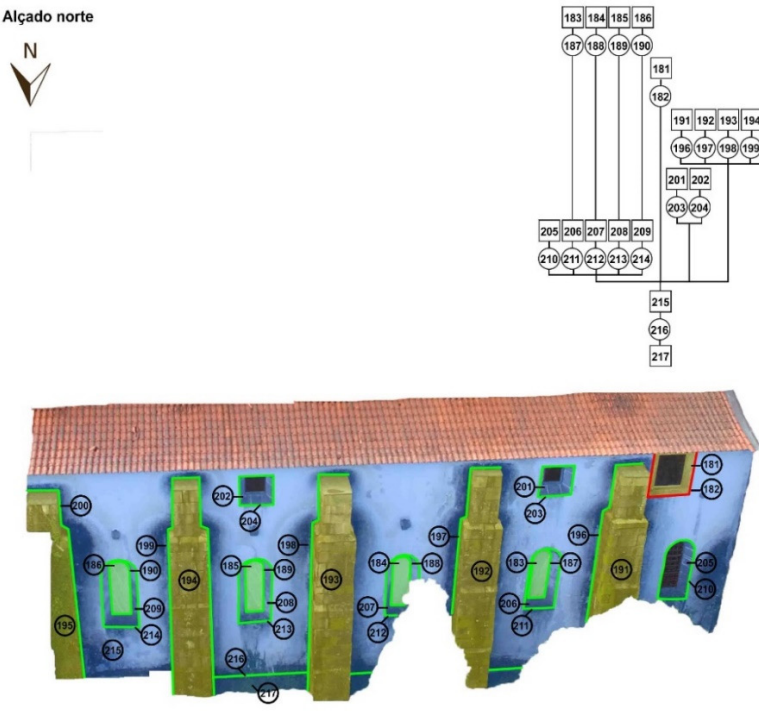
O sistema de nervuras encontra-se assente nas mísulas colocadas no paramento lateral da nave, formando com estas um interface de ligação estrutural (UE 308).

Tabela 16 – Ficha de leitura estratigráfica nº 16.

Ficha nº 16				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-3-6	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / corpo	Cronologia	Séc. XX, XVII e XVI		

Alçado norte

Alçado norte




Legenda:

- Século XVI
- Século XVII
- Século XX
- Interface de ligação
- Interface de rutura

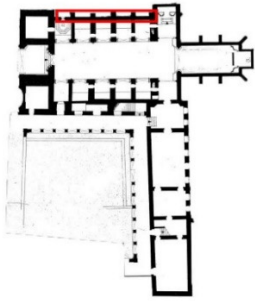
Edifício: Vilar de Frades
Corpo da Igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Fotografia da fachada norte da igreja de Vilar de Frades



Planta do R/C
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

O alçado norte concentra três fases construtivas que integram elementos datáveis do século XX, do século XVII e do século XVI.

No grupo das ações mais recentes, de cronologia contemporânea, regista-se uma primeira ação referente ao interface de rutura (UE 180) do assentamento do telhado contemporâneo (UR A-3-5). Todavia, devido à perspetiva da imagem, não é possível representar a unidade estratigráfica em questão.

No seguimento, surge um conjunto de entaipamentos das janelas do piso térreo do corpo da igreja (UEs 183 a 185). Datando os primeiros entaipamentos, provavelmente, do século XVII, estes terão sofrido alterações em época contemporânea com a introdução de tijolo industrial e argamassa hidráulica.

Os entaipamentos estabelecem com a janelas do século XVI interfaces de ligação (UEs 187 a 190).

O conjunto de ações construtivas que integram a segunda fase devem corresponder às alterações resultantes da reforma do corpo da igreja do século XVII.

No sentido descendente, regista-se, primeiramente, uma janela quadrangular localizada na parte poente do paramento. Trata-se de uma janela de dimensões médias com uma moldura simples em granito.

A janela encontra-se aberta na parede norte do corpo da igreja e a preencher o interface de rotura identificado pela unidade estratigráfica número 182.

Ainda dentro das ações atribuíveis ao século XVII, surgem cinco contrafortes (UEs 191 a 195) de morfologia quadrangular constituídos por quatro tramos com aumento gradual da espessura no sentido da base e remate em chanfro. São constituídos por silhares graníticos, de média dimensão, dispostos num aparelho regular e argamassado.

Estes contrafortes encontram-se adossados à parede norte do corpo da igreja por via dos respetivos interfaces de ligação (UEs 186 a 200).

No conjunto das ações construtivas atribuíveis século XVI, pertencentes ao edifício primitivo do corpo da igreja, registam-se, primeiramente, duas janelas no piso superior localizadas entre o primeiro e segundo e terceiro e quarto contrafortes a contra do poente (UEs 201 e 202). Trata-se de duas frestas de pequena dimensão, sem moldura e executadas em rampa a pender para o exterior.

As duas janelas encontram-se estruturalmente integradas na parede norte do corpo da igreja com a qual estabelecem interfaces de ligação estrutural (UEs 203 e 204).

Na parte inferior do paramento, entre cada contraforte, segue-se outro conjunto de janelas (UEs 205 a 209). De cariz simples, as janelas são constituídas por aberturas com remate superior em volta perfeita.


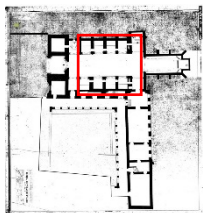
O conjunto encontra-se estruturalmente integrado na parede norte através dos respetivos interfaces de ligação (UEs 210 a 214).

Na sequência, o paramento (UE 215) encontra-se atualmente rebocado. Todavia, a estrutura deve possuir um aparelho em alvenaria irregular com elementos graníticos de variada dimensão e argamassa.

A parede norte, ao nível da parte inferior, encontra-se assente num alicerce (UE 217), com o qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 216).

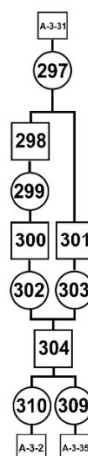
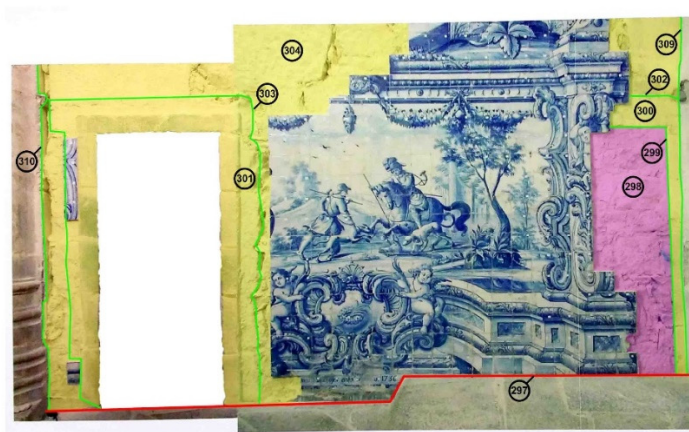
Tal como no espaço do transepto, o alicerce é constituído por silhares regulares, aparelhados de forma regular e argamassados.

Tabela 17 – Ficha de leitura estratigráfica n° 17.

Ficha n° 17				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-IG-18		
Unidade de referência	A-3-30	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Igreja / corpo	Cronologia	Séc. XX, XVIII, XVII e XVI		

Alçado Oeste

Alçado poente



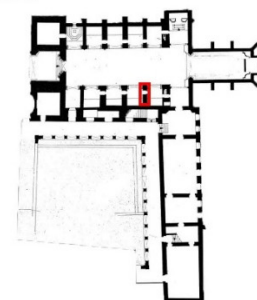
Edifício: Vilar de Frades
Corpo da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2018

Ortofoto da parede lateral poente da capela lateral da nave da igreja de Vilar de Frades



Planta do RIC
Ano: 1973
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Legenda:

 Século XVI	 Século XVII	 Século XVIII	 Século XX	 Interface de ligação
				 Interface de rutura

Leitura

O alçado poente da parede lateral da segunda capela a partir do transepto do lado sul do corpo da igreja evidencia a existência de três fases enquadradas entre a contemporaneidade, o século XVII e o século XVII.

A ação mais recente registada corresponde a um interface de rutura (UE 297) referente à remoção e reconstrução do pavimento da capela lateral da nave. Trata-se de uma ação enquadrada nas intervenções contemporâneas de reabilitação do edificado da igreja e do conjunto conventual.

No âmbito da segunda fase, regista-se o entaipamento (UE 298) de uma porta localizada no extremo sul da parede, provavelmente relacionado com a colocação do altar barroco na parede de fundo e revestimento da parede com azulejo no século XVIII. Este entaipamento, constituído por um enchimento meramente funcional com elementos pétreos grosseiros argamassados, deverá ter ocorrido antes de 1738, data do painel de azulejo que se sobrepõe ao entaipamento.

O referido enchimento encontra-se a preencher o vão de uma porta (UE 300), com a qual estabelece um interface de ligação (UE 299).


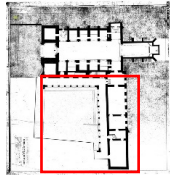
No conjunto das ações enquadráveis no século XVII, seguiam-se duas portas (UEs 300 e 301) que possuíam uma forma retangular e molduras de granito integradas na parede, com a qual os elementos estabeleciam os respetivos interfaces de ligação estrutural (UEs 302 e 303).

A encerrar a fase construtiva do século XVII, a parede lateral da capela exhibe um aparelho irregular de execução grosseira, com elementos graníticos por vezes de grande dimensão, argamassados entre si e dispostos em travamento, ainda que por vezes com as juntas bastante próximas.

A parede lateral da capela deverá estar adossada à parede sul do corpo da igreja (UR A-3-35), formando com esta um interface de ligação (UE 309), bem como à parede sul da nave (UR A-3-2), formando com esta outro interface de ligação (UE 310).


A parede lateral deverá estabelecer ainda um interface de ligação estrutural como teto em abóbada (UR A-3-32), através das mísulas colocadas na referida parede e que não surgem no enquadramento.

Tabela 18 – Ficha de leitura estratigráfica n° 18.

Ficha n° 18				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-CN-18		
Unidade de referência	B-1-1; B-1-12; B-1-13	Tipologia	Parede, pavimento e teto		
Edifício / espaço	Claustro sul – ala norte	Cronologia	Séc. XX e XVIII		

Alçado sul, pavimento e teto

Alçado sul




Legenda:

- Século XVIII
- Século XX
- Interface de ligação
- Interface de rutura

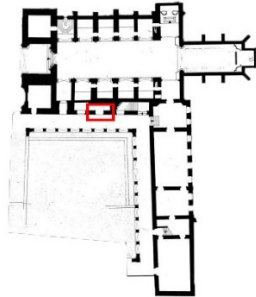
Edifício: Vilar de Frades
Ala norte do claustro sul

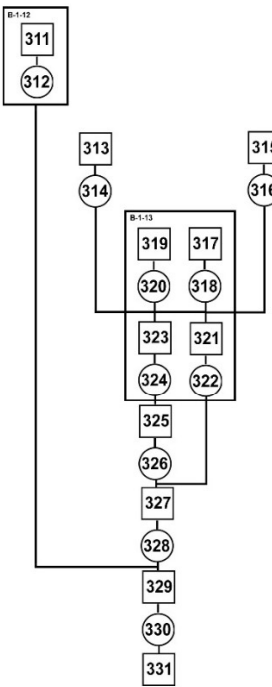
António Pereira
Dezembro de 2019

Fotografia da parede lateral sul da galeria da ala norte do claustro sul de Vilar de Frades



Planta do RIC
Ano: 1973
Autoria: DGE MN
Fonte: SIPA





Leitura

A galeria da ala norte do claustro comporta duas fases construtivas compreendidas entre a época contemporânea, relacionada com a intervenção de reabilitação, e o século XVIII, correspondente à última reforma empreendida no claustro pelos cônegos de Vilar de Frades.

Neste sentido, o elemento construtivo mais recente reporta-se ao pavimento em saibro prensado identificado pela unidade estratigráfica número 311, colocado na sequência das últimas intervenções de reabilitação.

O pavimento encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 312) que se desenvolve ao longo da parte inferior do paramento.

No conjunto das ações construtivas afetas à reforma oitocentista do claustro, primeiramente, regista-se no paramento interior da ala (UR B1-1-1) um conjunto de falsas mísulas (UEs 313 e 315), provavelmente com função decorativa, que se encontram adossadas a uma janela de tipo óculo e à base dos arcos do teto (UR B-1-13) por via dos respetivos interfaces de ligação estrutural (UEs 314 e 316).

Na sequência, no teto da galeria (UR B1-1-13), desenvolvem-se abóbadas de aresta executadas em tijolo maciço (UEs 317 e 319).

Estas abóbadas encontram-se ligadas, respetivamente através de interfaces de ligação estrutural (UEs 318 e 320), a um conjunto de arcos abatidos (UEs 321 e 323) que estabelecem a ligação entre os dois paramentos laterais da galeria (URs B-1-1 e B-1-11).

Um dos arcos abatidos (UE 321) assenta diretamente na parede com a qual estabelece um interface de ligação estrutural (UE 322).

O outro arco abatido (UE 323) estabelece um interface de ligação estrutural (UE 324) com uma janela de tipo óculo (UE 325).

O óculo (UE 325) apresenta uma moldura em granito, decoração na parte superior com motivos curvilíneos.

O óculo está aberto no paramento norte da galeria com o qual estabelece o interface de ligação estrutural identificado pela unidade estratigráfica número 326.


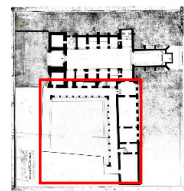
Segue-se a parede norte da galeria (UE 327), atualmente rebocada, que apresenta um aparelho regular constituído por silhares de média/grande dimensão em granito e juntas argamassadas.

A parede estabelece um interface de ligação estrutural (UE 328) com uma porta (UE 329).

A porta (UE 239) possui uma moldura em granito e um lintel com um friso talhado ao estilo de um entablamento.

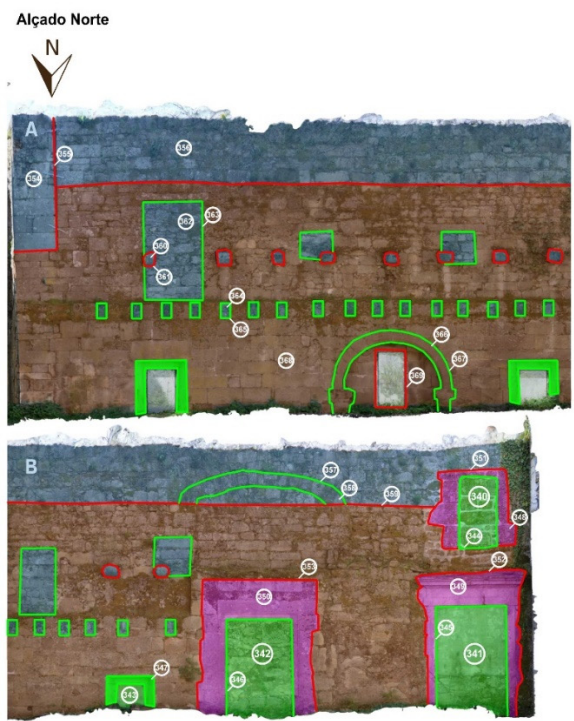
A porta encontra-se ligada ao paramento através de um interface de ligação estrutural (EU 330) a um embasamento constituído por silhares regulares de média dimensão em granito argamassados (UE 331).

Tabela 19 – Ficha de leitura estratigráfica nº 19.

Ficha nº 19				Identificação	Localização
Leitura estratigráfica					
Complexo	Vilar de Frades	Acrónimo	VF-CS-18		
Unidade de referência	B-1-3	Tipologia	Parede		
Edifício / espaço	Claustro sul – ala sul	Cronologia	Séc. XVIII, XVI e XVI-XV		

Alçado norte

Alçado Norte



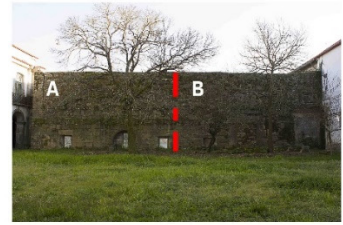
Legenda:

- Século XV-XVI
- Século XVI
- Século XVII-XIX
- Século XX
- Interface de ligação
- Interface de rutura

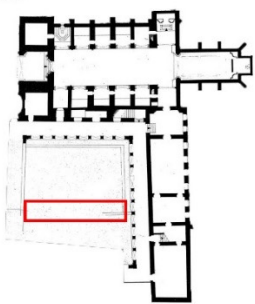
Edifício: Vilar de Frades
Paramento Sul da capela-mor da igreja

António Pereira
Fevereiro de 2016

Fotografia da parede sul do claustro sul
Ano: 2016
Autoria: João Ribeiro



Planta do R/C
Ano: 1933
Autoria: DGEMN
Fonte: SIPA



Leitura

A ala sul do claustro encontra-se atualmente reduzida a uma parede onde se conservam três fases de intervenção. Esta fases enquadram elementos e ações construtivas que datam desde os finais do século XV ou inícios do século XVI, relacionadas com o edifício erigido no claustro quinhentista, passam pela construção do claustro quinhentista, englobam ações efetuadas no claustro durante o século XVIII e ainda intervenções contemporâneas de entaipamento.

Neste sentido, as intervenções construtivas mais recentes correspondem ao entaipamento das portas localizadas no extremo poente, em ambos os pisos (UEs 340, 341 e 342), efetuados com o recurso a pedras avulsas, cascalho e betão armado.

Estes entaipamentos encontram-se a preencher interfaces de ligação (UEs 344, 345 e 346) com os portais existentes na parede.

Na parte inferior, regista-se o entaipamento, igualmente contemporâneo (UE 343), de uma janela pertencente ao edifício do claustro quatrocentista (UE 347) que consiste, simultaneamente, no interface de ligação.

Um segundo conjunto de ações construtivas reporta-se aos portais provavelmente datados do século XVIII. Neste conjunto inclui-se uma porta situada no piso superior (UE 348), que se encontra a preencher um interface de rutura (UE 351), resultante da sua integração na parede.

No piso inferior, seguem-se duas portas com lintel epigrafado (UEs 349 e 350) e os respetivos interfaces de rotura (UEs 352 e 353) que estabelecem com a parede.

Um terceiro momento construtivo deverá corresponder à reforma do claustro ocorrida no século XVI.

Desta fase, registam-se, primeiramente, duas adições de parede na parte superior. O primeiro tramo (UE 354), provavelmente um ponto de articulação com a ala nascente do claustro, contempla um aparelho regular com silhares graníticos de medida dimensão e sobreposição em travamento.

Este tramo de parede, encontra-se a preencher um interface de rotura (UE 355) situado uma parede (UE 356) também do século XVI.

Esta parede (UE 356), provavelmente erigida para aumentar o pé-direito do edifício, exibe um aparelho irregular formado por silhares possivelmente reaproveitados, de dimensão variada, litologia granítica e argamassados.

Esta parede encontra-se estruturalmente a sobrepor um arco de carga abatido (UE 358) por via de um interface de ligação estrutural (UE 357).

O arco de carga abatido, executado com elementos em granito de média dimensão, encontra-se a preencher o interface de rutura (UE 359) efetuado na parede do edifício do claustro quatrocentista.

Ainda da intervenção do século XVI, é possível registar um conjunto de ações estruturais, como a colocação de mísulas (UE 360) para sustentação do vigamento do pavimento do piso superior da ala quinhentista, que se encontra a preencher o interface de rutura identificado pela unidade stratigráfica número 361.

As mísulas, em alguns pontos, encontram-se colocadas sobre os entaipamentos (UE 362) das janelas do piso superior (UE 363), efetuados com o recurso a uma alvenaria irregular, em granito e argamassa.

Tal como nas janelas do piso superior, também um conjunto de agulheiros (UE 365) pertencentes ao pavimento do edifício original, estão entaipados com blocos de granito (UE 364).

Quanto aos elementos pertencentes ao edifício quatrocentista, para além das janelas do primeiro piso e dos agulheiros do pavimento anteriormente referidos, há a registar um arcossólio com chanfro e impostas pronunciadas executado com elementos em granito de média dimensão e argamassados (UE 366).

O arcossólio encontra-se estruturalmente ligado à parede do edifício (UE 367).

Do mesmo edifício, registam-se três janelas quadrangulares de pequena dimensão com rampa (UE 347) abertas na própria parede e que configuram elas próprias um interface de ligação.

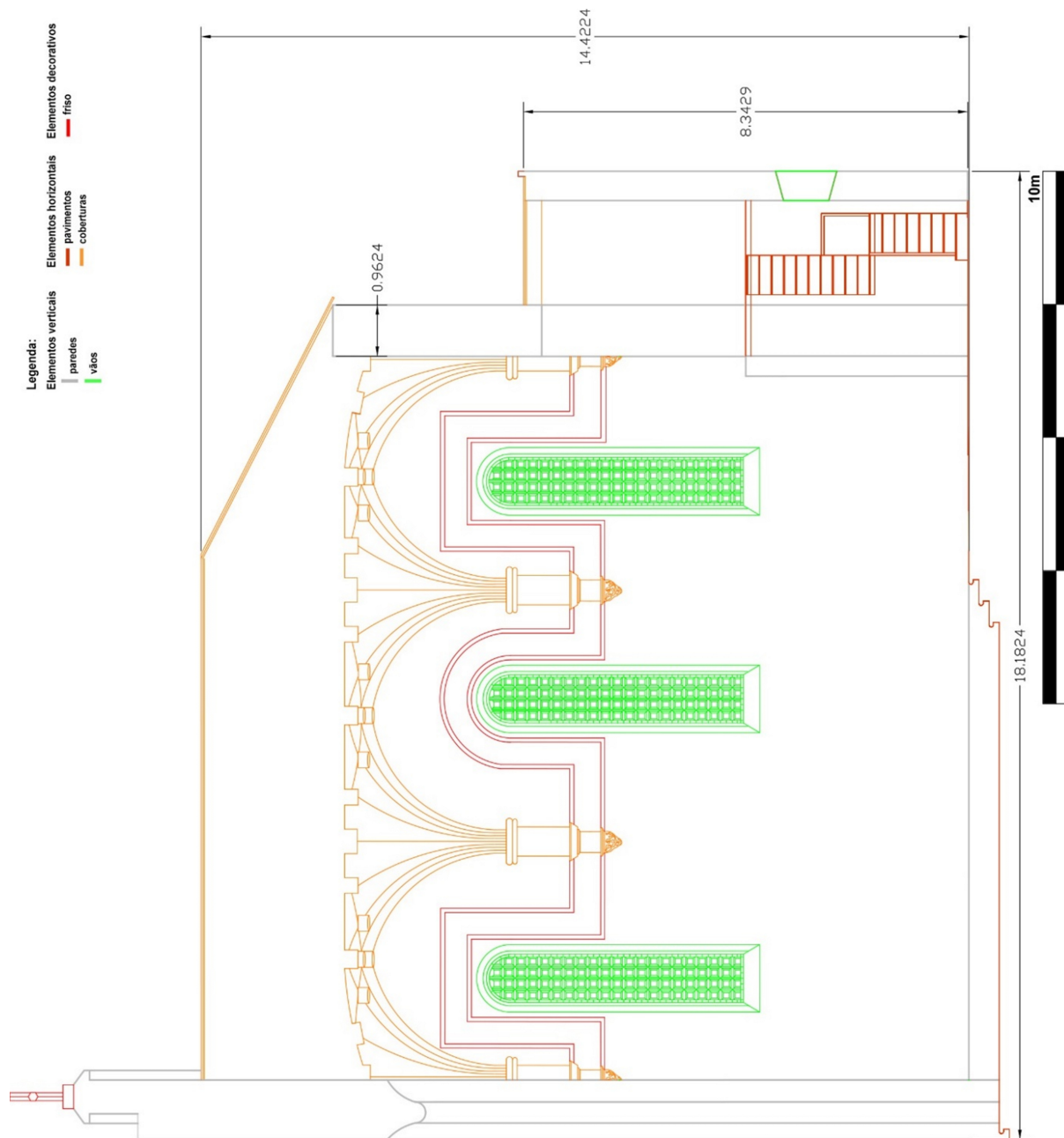
A enquadrar todos os elementos referidos, segue-se a parede do edifício original (UE 368) que exhibe um aparelho regular, bem executado, constituído por silhares graníticos de média dimensão, argamassados e colocados em travamento por sobreposição.

Apêndice 2 – Cortes

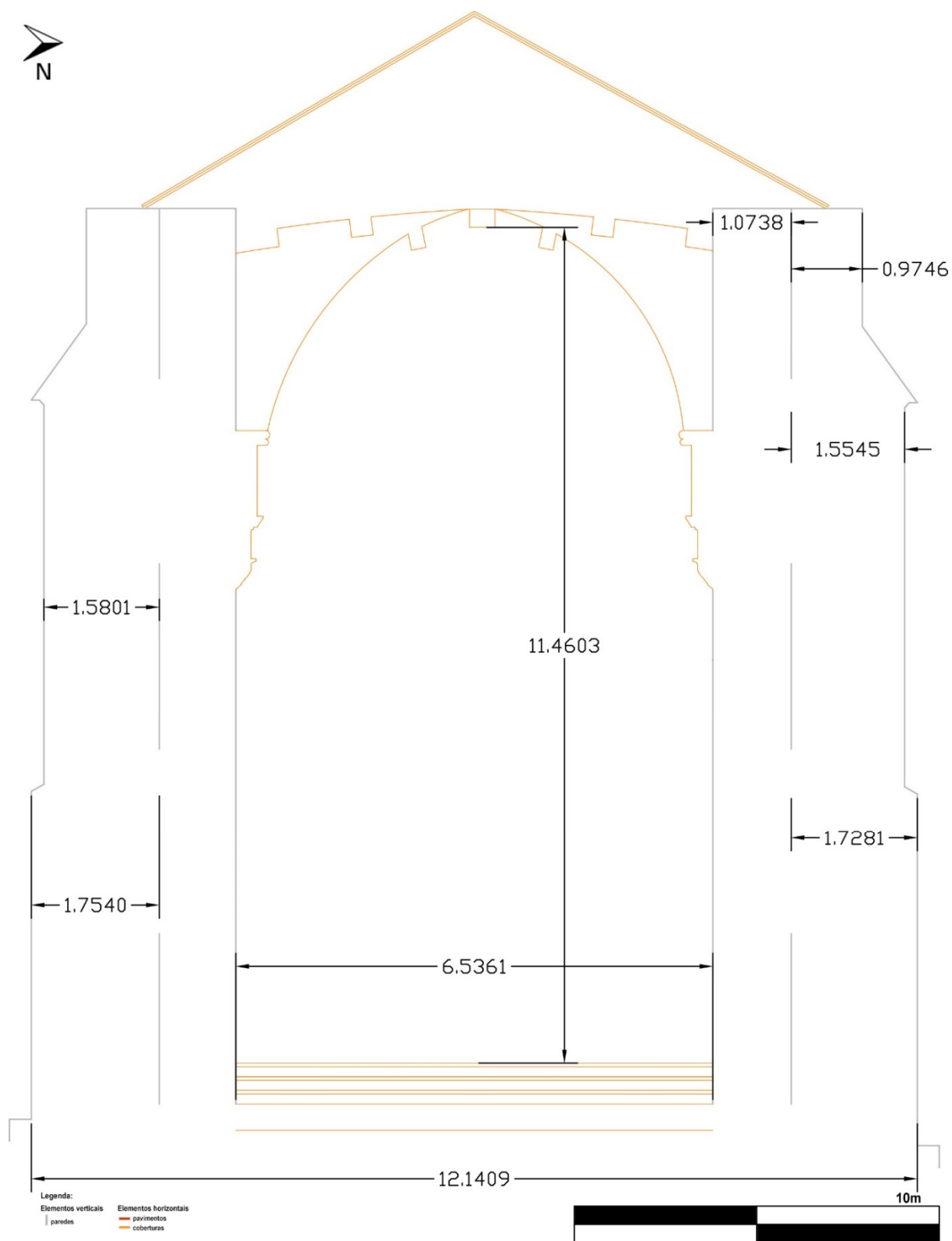
O apêndice 2 é constituído por um conjunto de nove cortes que abrangem os espaços da igreja (UR A) e do claustro sul (UR B). Dentro de cada um destes espaços são incluídos cortes transversais com orientação N-S e E-O dos subespaços da igreja como a capela-mor (UR A-1), o transepto (UR A-2) e o corpo (UR A-3). No espaço do claustro são incluídos os subespaços da ala norte (UR B-1) e da ala nascente (UR B-2).

Os cortes funcionam como complemento para a caracterização do interior dos espaços com informação interpretada da planimetria, das dimensões e dos elementos construtivos.

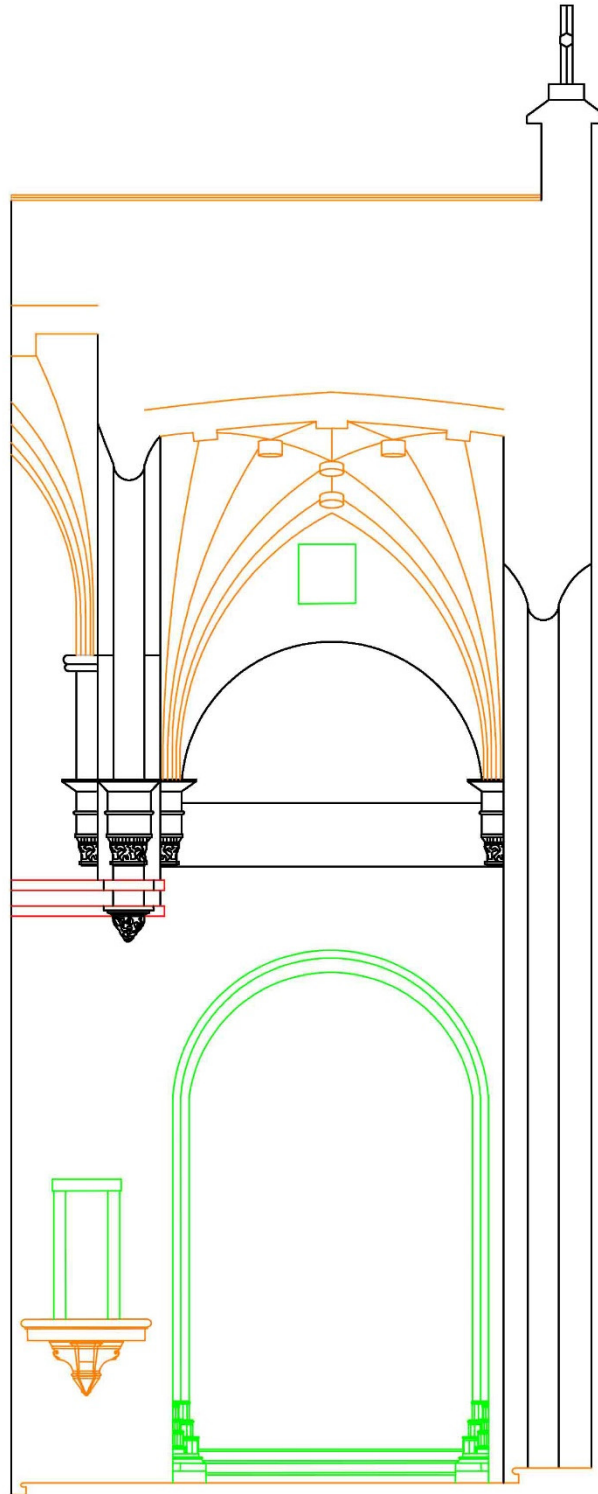
Em cada corte apresentado são diferenciados os elementos verticais, como paredes e vãos, os elementos horizontais, como pavimentos e coberturas e os elementos decorativos, como os frisos, molduras, cruzes ou aduelas.



Corte 1 - Corte oeste-este, parede norte (A-1-1) e alçado interior sul da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Corte 2 - Corte norte-sul, parede este (A-1-2) e alçado interior oeste da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.

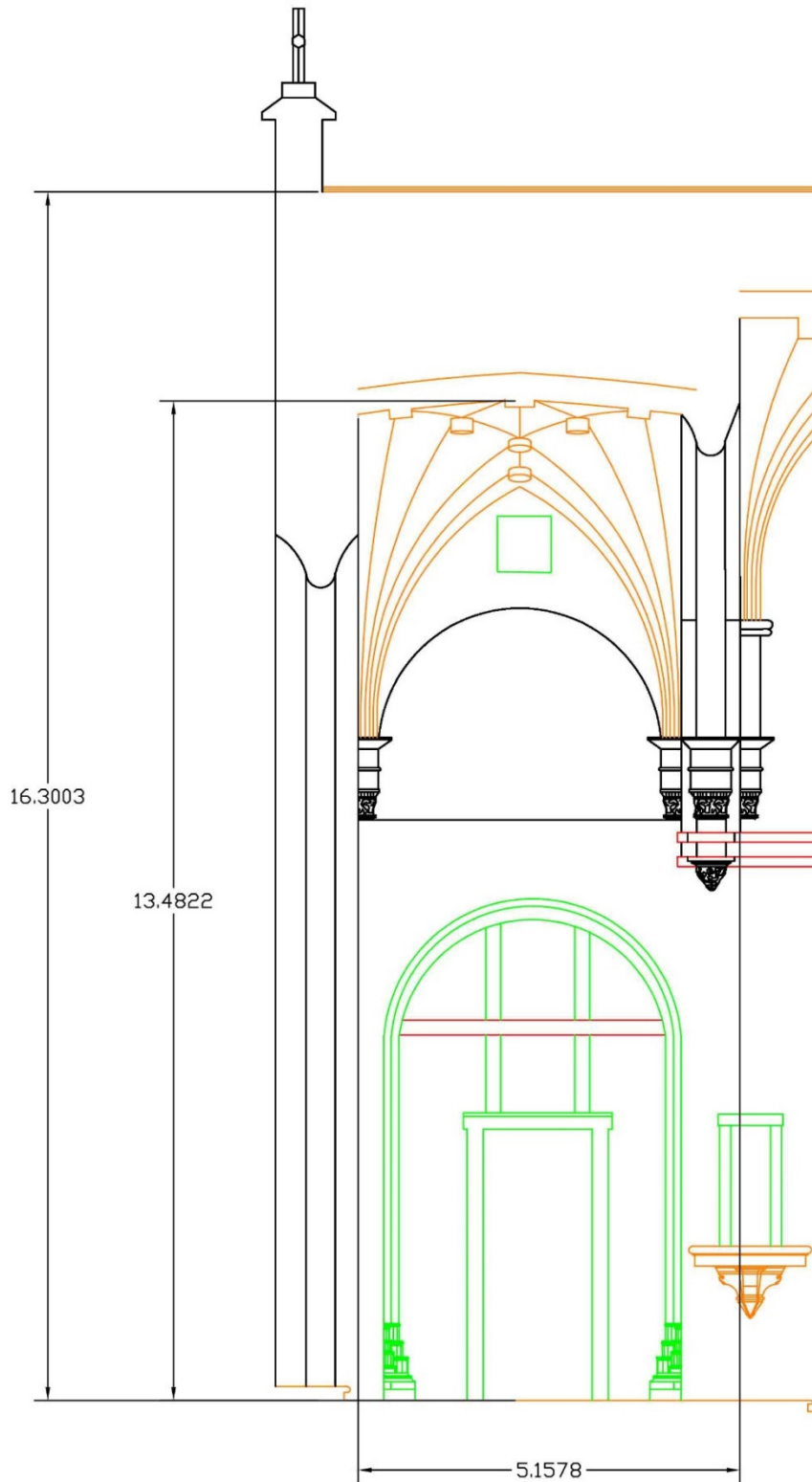


Legenda:

Elementos verticais	Elementos horizontais	Elementos decorativos
paredes	pavimentos	friso
vãos	coberturas	



Corte 3 - Corte oeste-este, parede norte (A-2-1) e alçado interior sul do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.

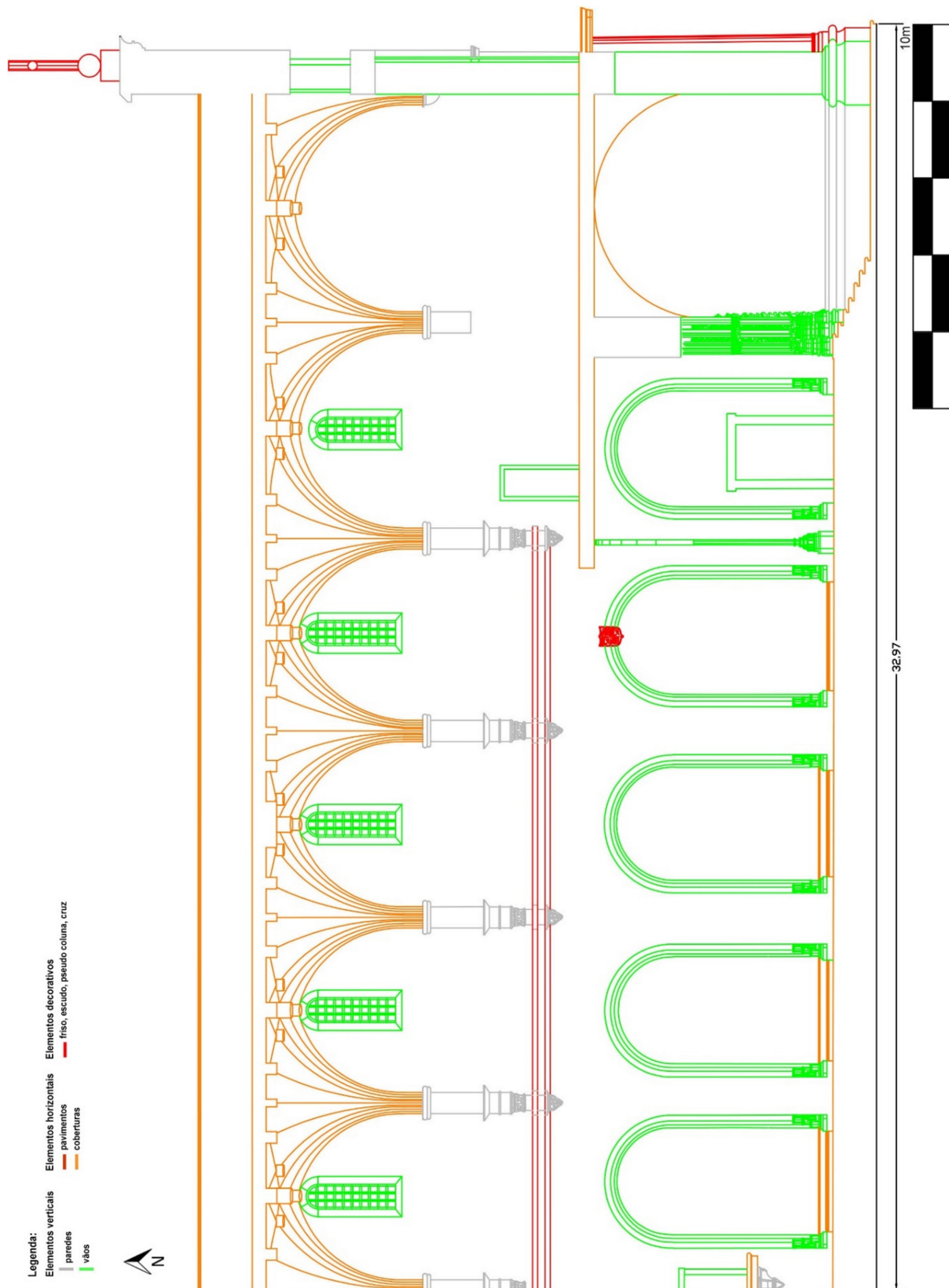


Legenda:

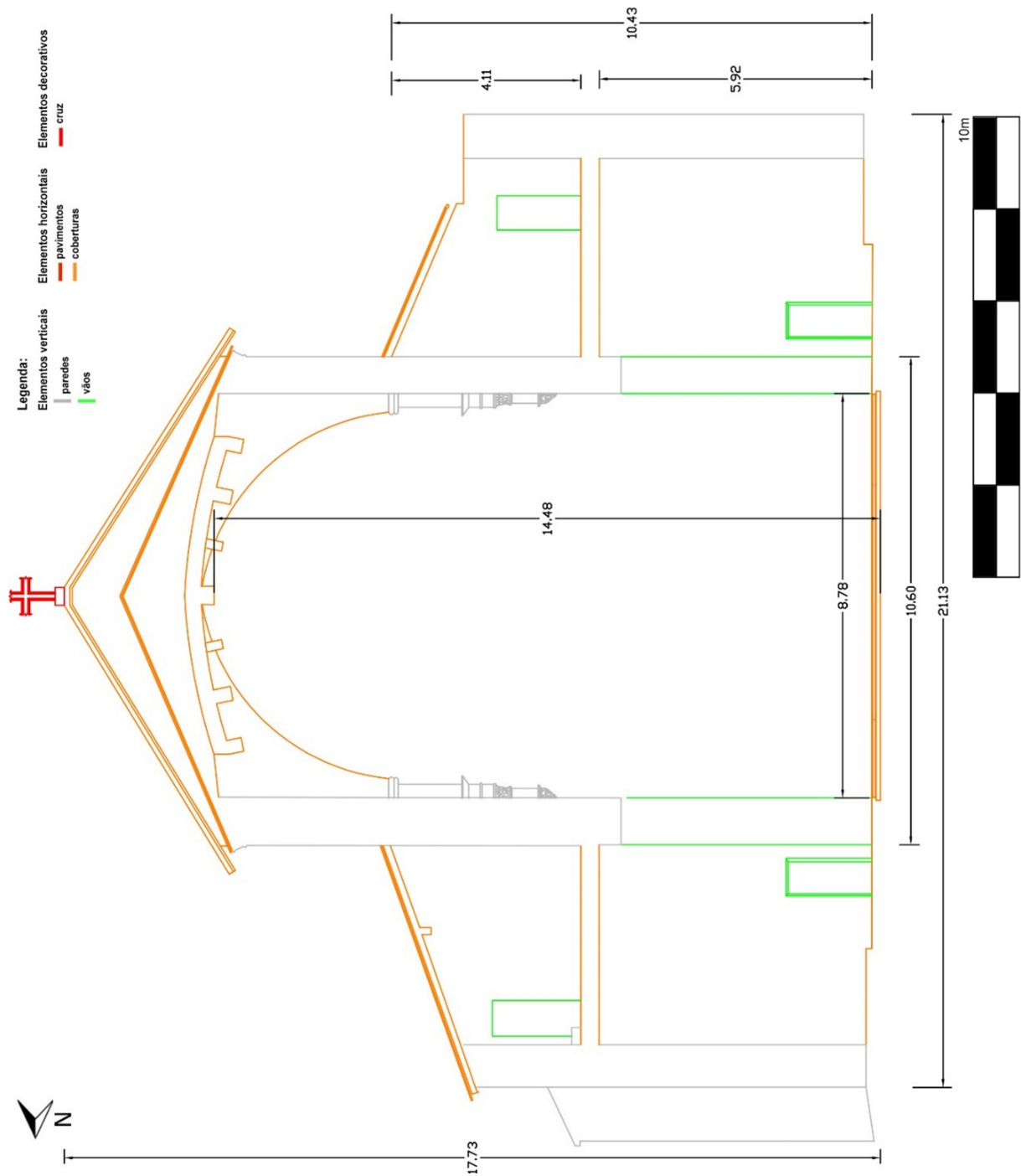
Elementos verticais	Elementos horizontais	Elementos decorativos
paredes	pavimentos	friso
vãos	coberturas	



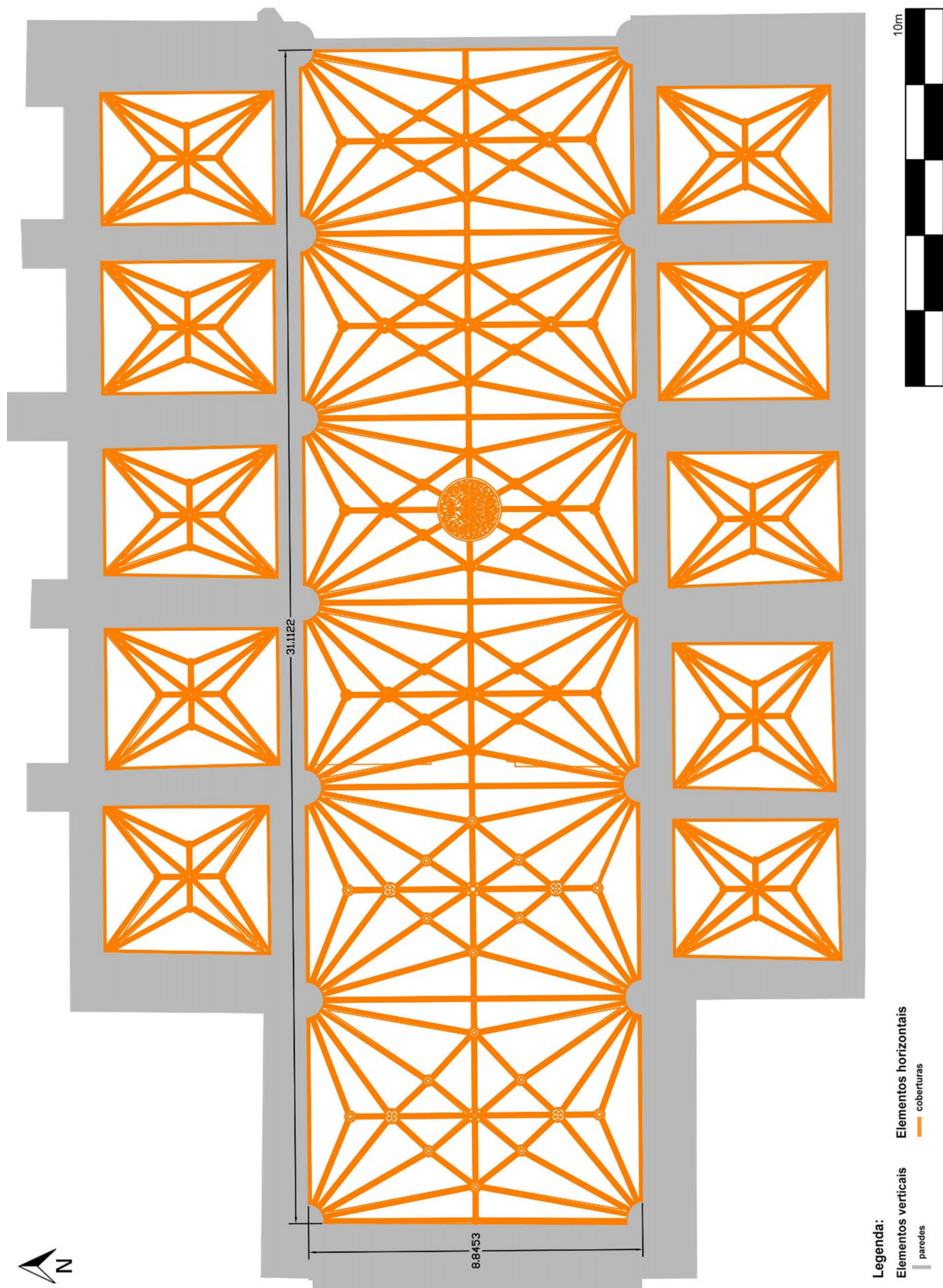
Corte 4 - Corte este-oeste, parede sul (A-2-3) e alçado interior norte do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



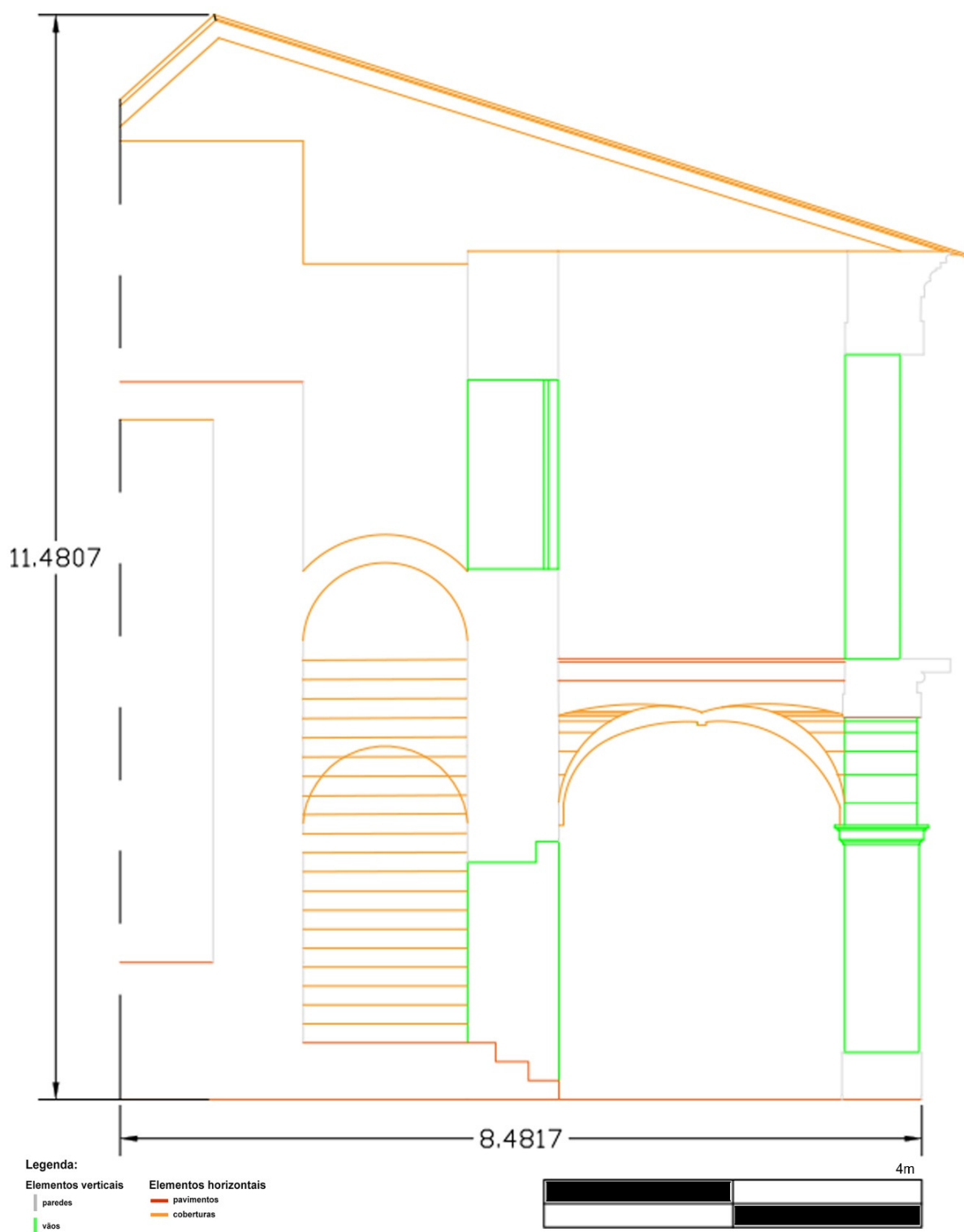
Corte 5 - Corte este-oeste, parede sul (A-3-3) e alçado interior sul da nave da igreja. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



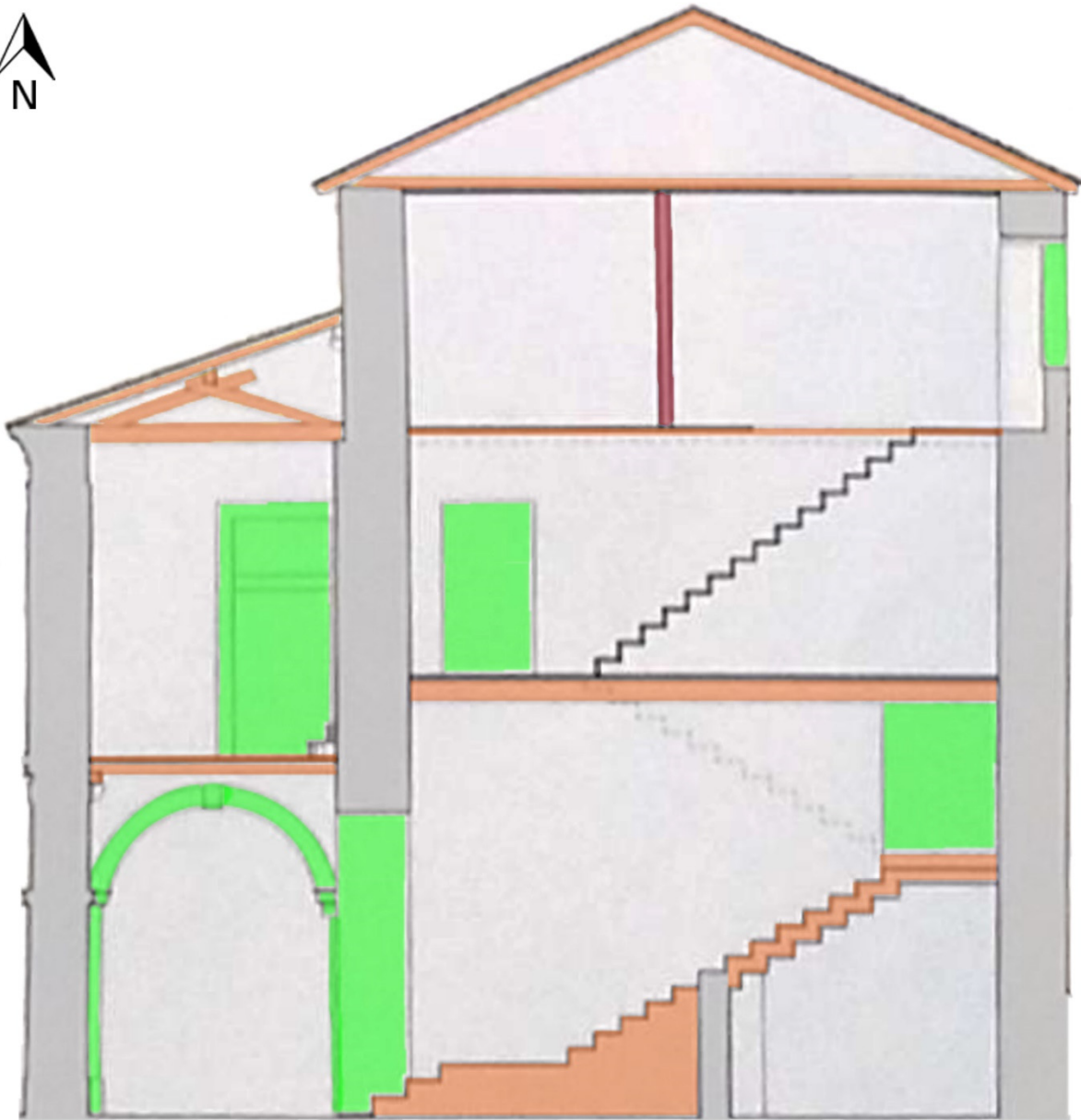
Corte 6 - Corte norte-sul, parede este (A-3-2) e alçado interior oeste da nave. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Corte 7 - Planta de tetos da nave (A-3-5) e das capelas laterais (A-3-9; A-3-12; A-3-15; A-3-18; A-3-18; A-3-20; A-3-23; A-3-26; A-3-29; A-3-32; A-3-34). Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Corte 8 - Corte norte-sul, ala norte (B-1). Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Legenda:

Elementos verticais

paredes

vãos

tabique

Elementos horizontais

pavimentos

coberturas



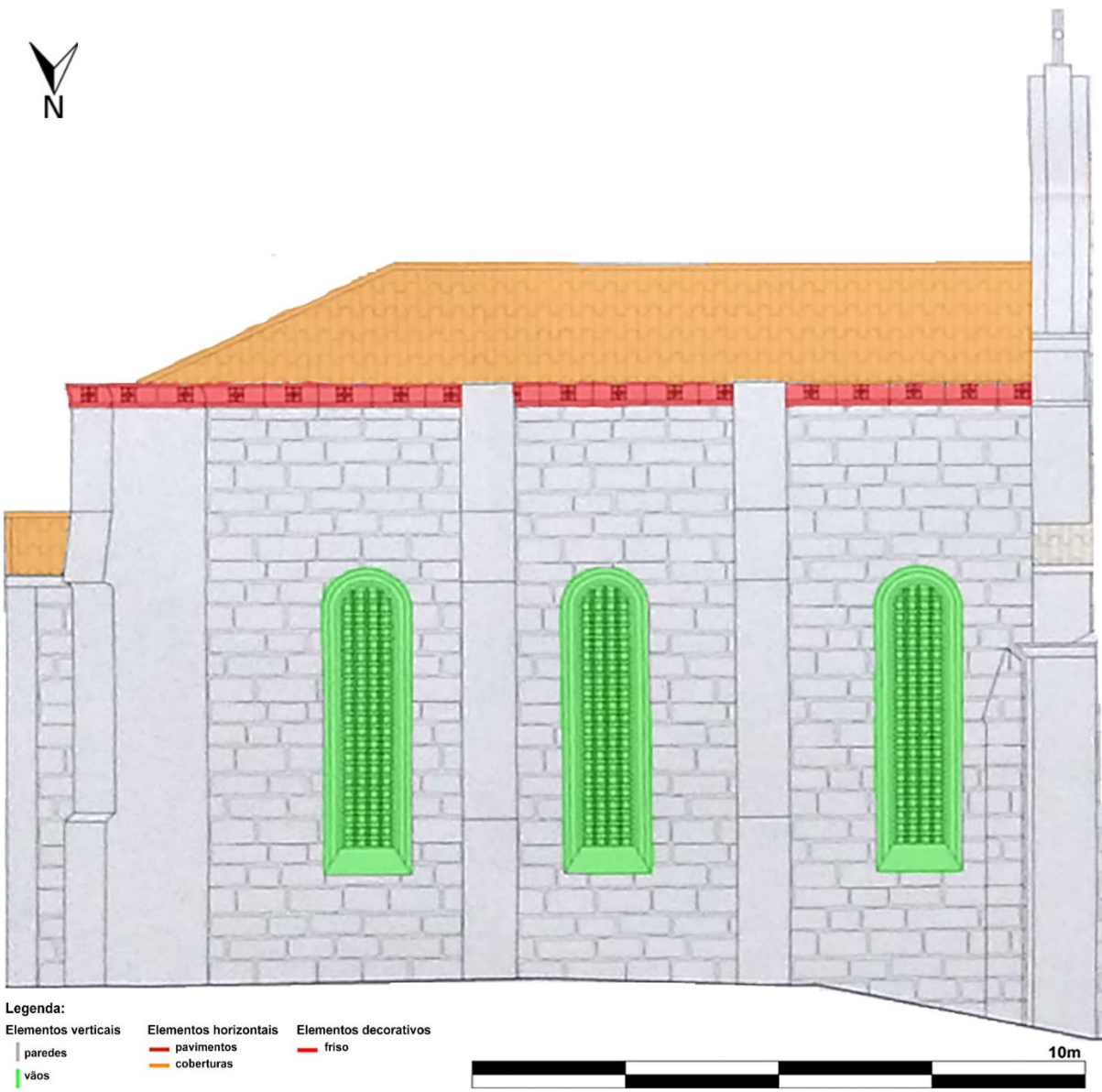
Corte 9 - Corte nascente-poente, ala poente (B-2). Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.

Apêndice 3 – Alçados

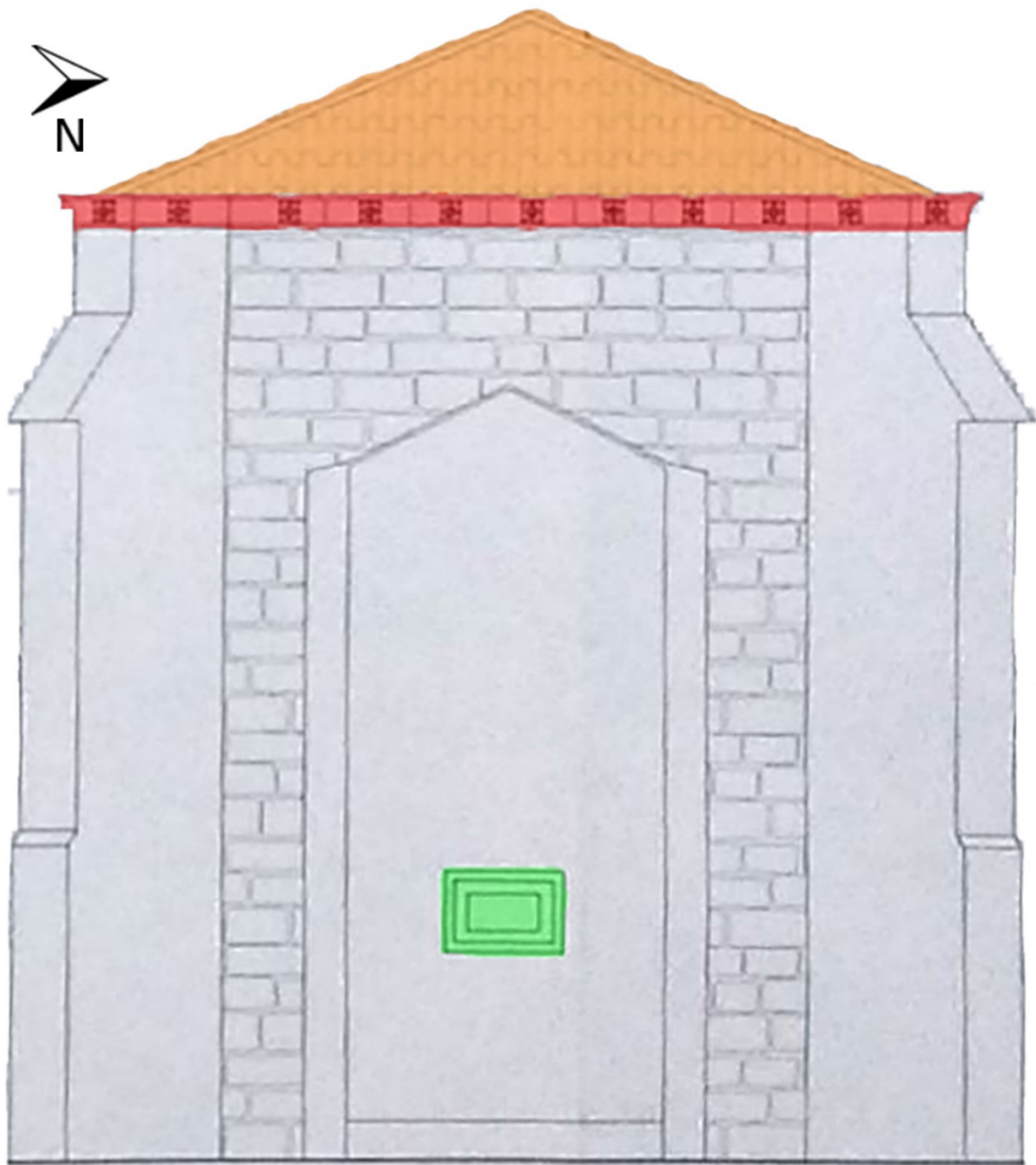
O apêndice 3 é composto por um conjunto de oito alçados distribuídos pelos espaços da igreja (UR A) e do claustro sul (UR B). Para cada um dos referidos espaços são incluídos alçados com orientação variada dos subespaços da igreja, nomeadamente da capela-mor (UR A-1), do transepto (UR A-2) e do corpo (UR A-3). No espaço do claustro são incluídos subespaços como a ala norte (UR B-1) e a ala nascente (UR B-2).

Os alçados apresentados têm por objetivo providenciar informação, juntamente com os cortes, para a caracterização exterior dos espaços, contendo informação interpretada sobre a planimetria, as dimensões e os elementos construtivos.

Com efeito, para cada alçado são diferenciados os elementos verticais, como paredes e vãos, elementos horizontais, como pavimentos e coberturas e ainda elementos decorativos, como os frisos, molduras, cruzes ou aduelas.



Alçado 1 – Alçado exterior norte do paramento norte (A-1-1) da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Legenda:

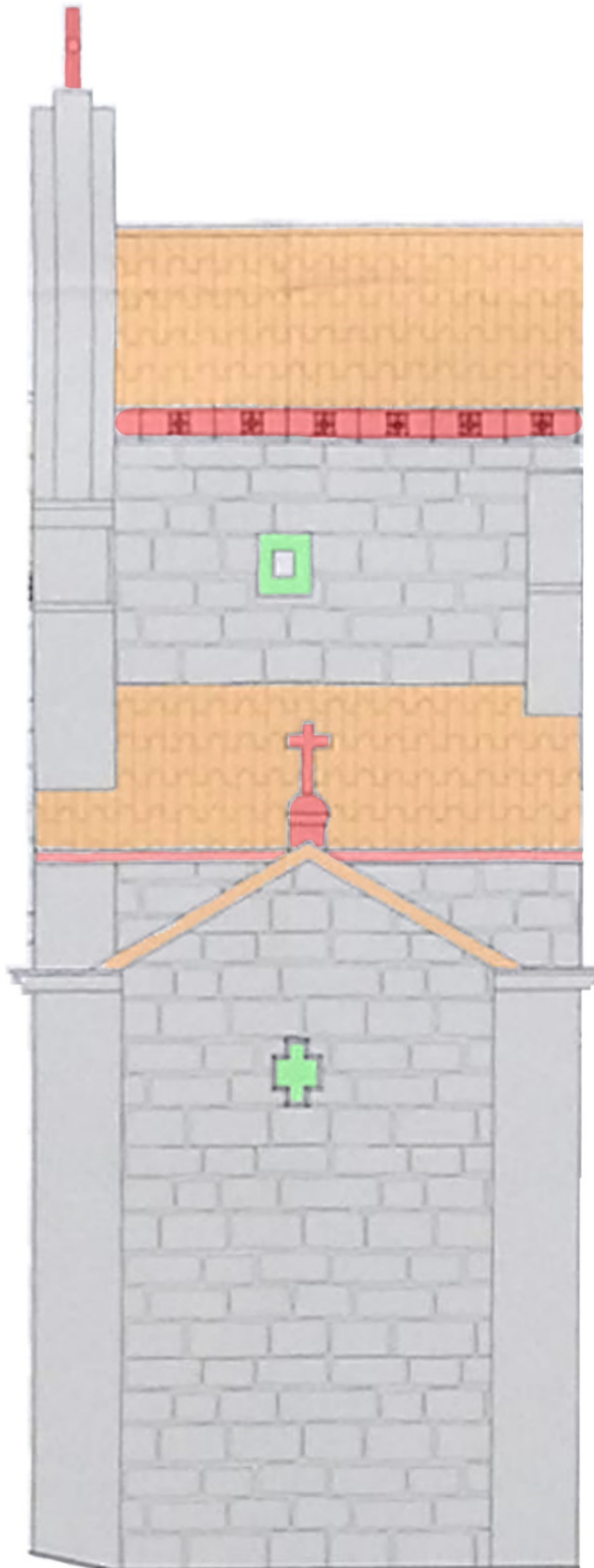
Elementos verticais	Elementos horizontais	Elementos decorativos
paredes	pavimentos	friso
vãos	coberturas	



Alçado 2 – Alçado exterior este do paramento (A-1-2) da capela-mor. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Alçado 3 - Alçado exterior este dos paramentos oeste (A-2-8, A-2-2 e A-2-12) do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



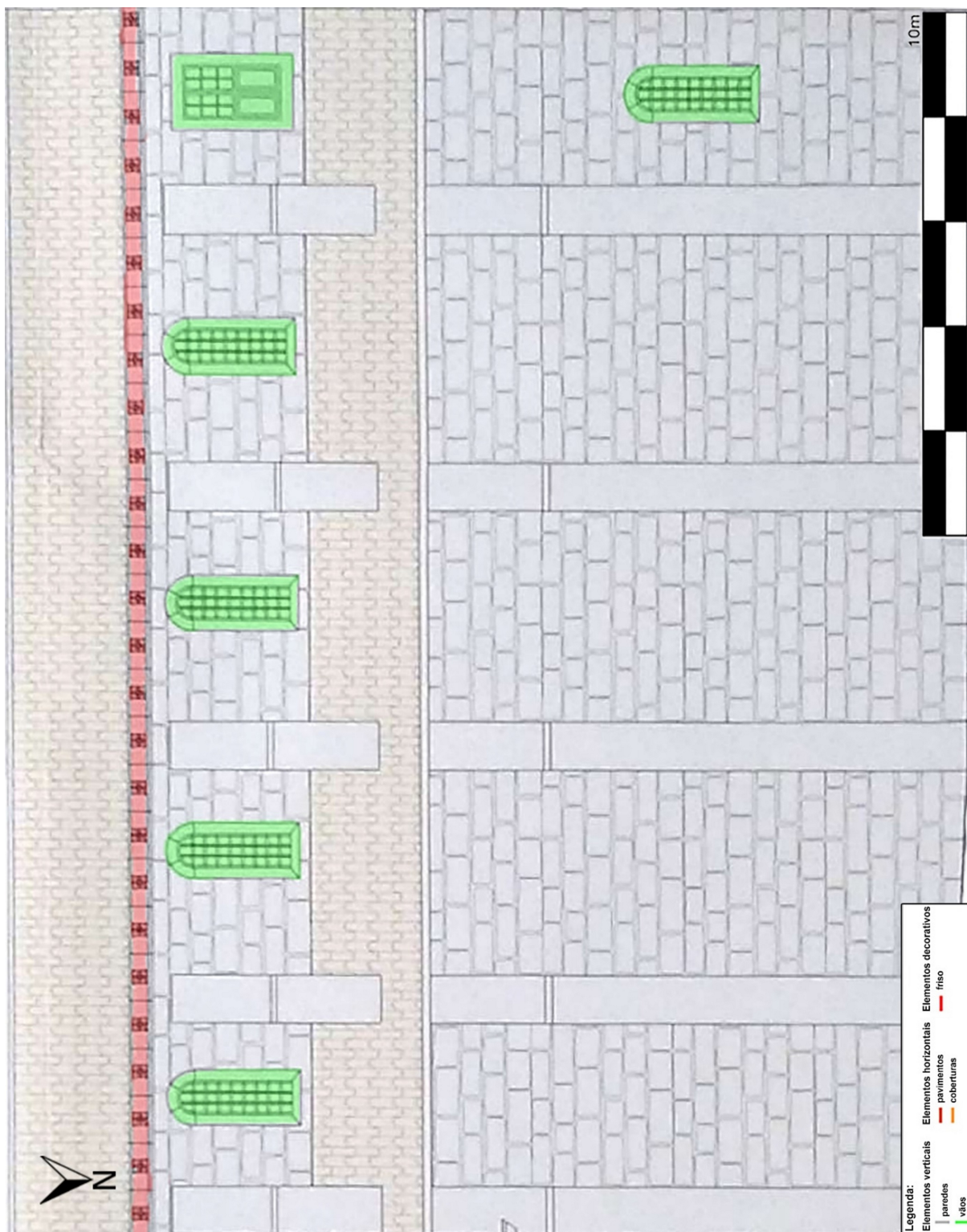
Legenda:

Elementos verticais	Elementos horizontais	Elementos decorativos
paredes	pavimentos	friso
vãos	coberturas	

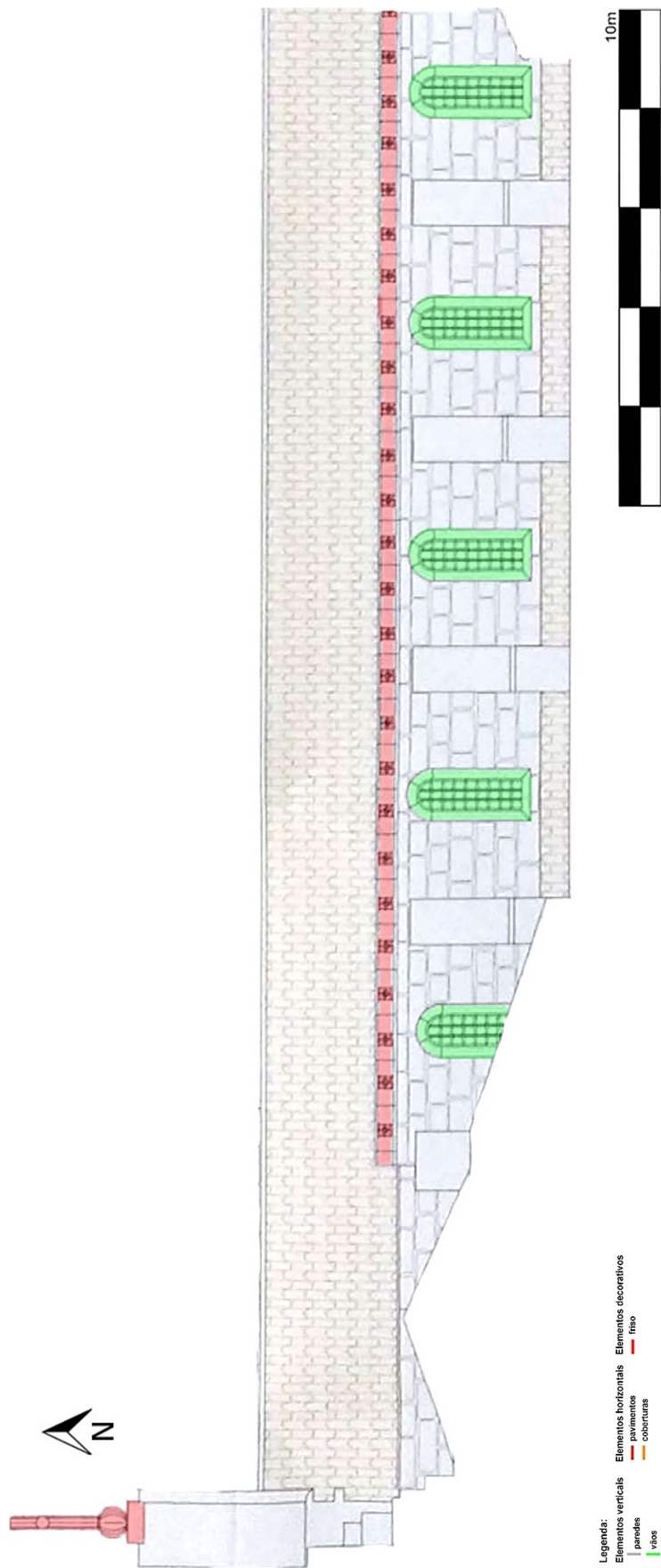
5m



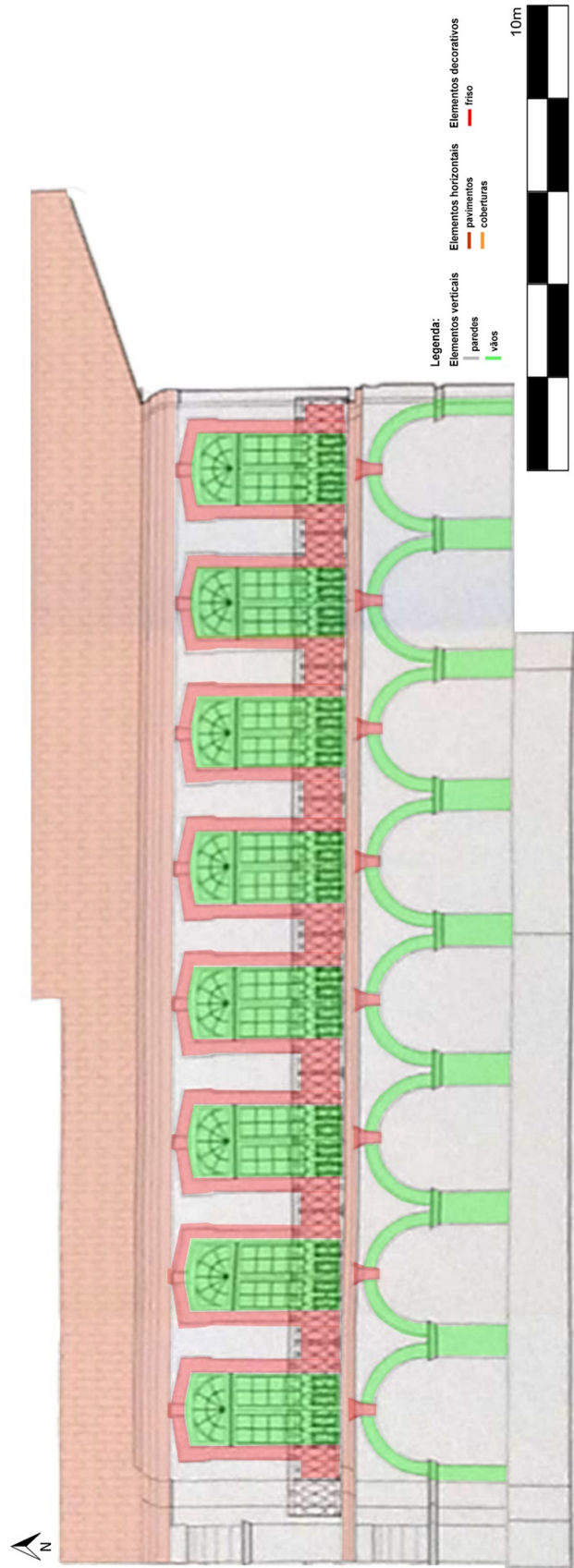
Alçado 4 - Alçado exterior norte dos paramentos norte (A-2-7 e A-2-1) do transepto. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



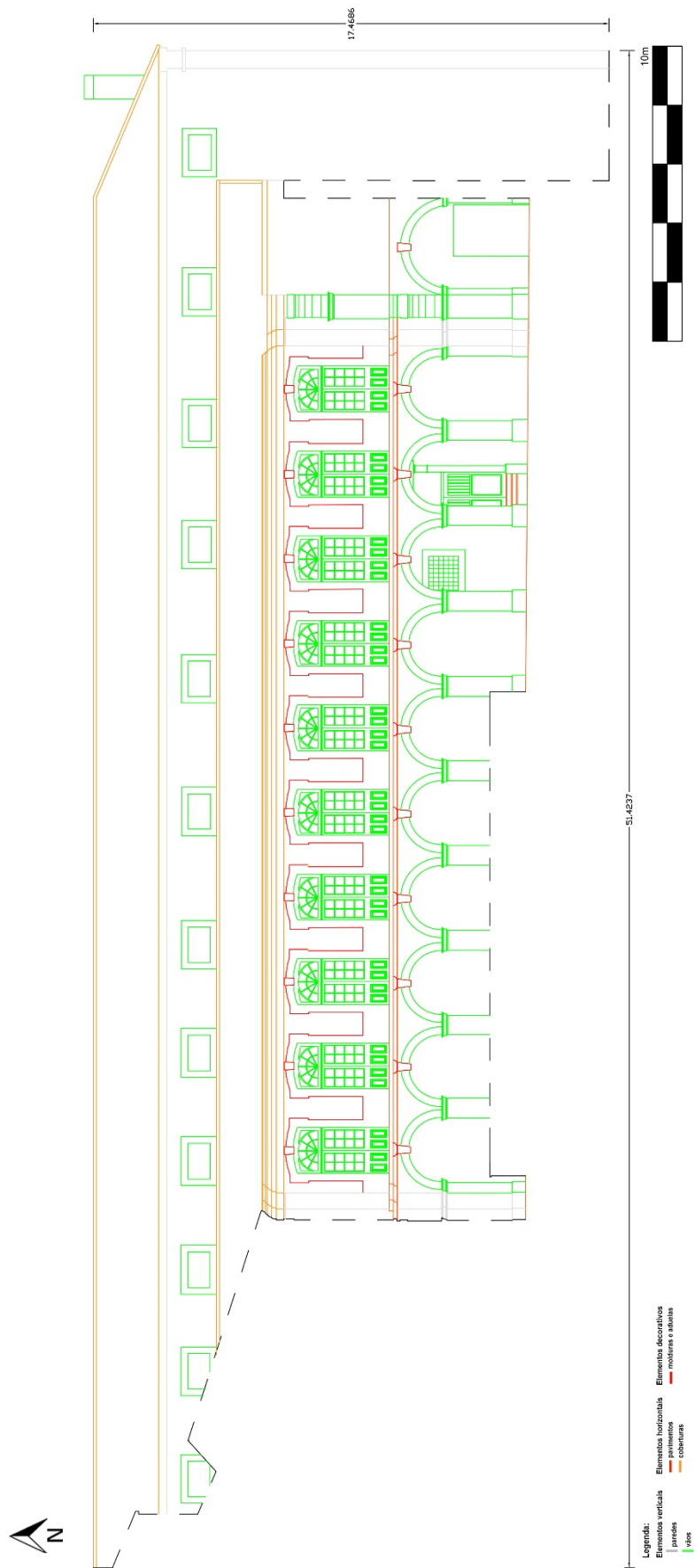
Alçado 5 – Alçado exterior norte dos paramentos norte (A-3-1 e A-3-6) da nave. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Alçado 6 – Alçado exterior sul do paramento (A-3-3) da nave. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Alçado 7 - Alçado exterior sul do paramento sul (B-1-11) da ala norte do claustro sul. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.



Alçado 8 – Alçado exterior ponte do paramento ponte (B-2-18) da ala nascente do claustro sul. Fonte do levantamento: DRCN/Gabinete T.A.M.